



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Escola de Ciências Sociais

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Revalorizar o Património Corticeiro em São Brás de Alportel

Ricardo Jorge Inácio Guerreiro

Orientação: Prof.^a Doutora Ana Cardoso de Matos

Mestrado Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização: Ramo Património Científico Tecnológico Industrial

Relatório de Estágio na Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Évora, Ano 2015

Revalorizar o Património Corticeiro em São Brás de Alportel

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, pelo enorme apoio que deram ao longo destes dois anos de Mestrado.

A todos os meus colegas e professores.

Por fim gostava de expressar um especial agradecimento à Professora Doutora Ana Cardoso de Matos, pelo constante apoio que demonstrou, e à Câmara Municipal de São Brás de Alportel por me ter recebido como aluno estagiário. Agradeço e muito o constante apoio da Doutora Custódia Reis pelo enorme esforço que fez durante os vários meses que estive a estagiar.

Resumo

A Vila de São Brás de Alportel, que fica situada no barrocal Algarvio, é conhecida por ter a melhor cortiça do mundo.

Entre 1860 e 1875, São Brás de Alportel tornou-se um importante centro corticeiro que suplantava Silves na exploração comercial e na transformação da cortiça. Durante este período a vila acolheu operários rolheiros de Silves, Faro, Armação de Pêra, Querença, Portimão, Barão de São João, Lagos e Marmeleite que dinamizaram a indústria corticeira são-brasense.

Presentemente esta localidade ainda tem algumas fábricas de cortiça, mas nada que se compare com a importância dos seus tempos passados, as mais de 100 fábricas de cortiça que existiam em 1900 hoje apenas 5 fábricas estão ainda no ativo.

Sendo aluno de mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural Ramo Património Científico Tecnológico Industrial, o tema da indústria corticeira e da sua importância para o concelho de São Brás de Alportel despertou-me interesse para fazer um trabalho acerca deste mesmo assunto.

Pretendi, assim, através de um estágio na Câmara Municipal de São Brás de Alportel, fazer o inventário do património industrial da cortiça e a recolha do património móvel (máquinas antigas de cortiça) que se encontra disperso e, por vezes, abandonado, e propor um projeto de criação um Centro Interpretativo que abordasse o tema da indústria corticeira de São Brás de Alportel e da sua importância, para dar a conhecer a indústria que marcou e marca o povo são-brasense e contextualizar melhor as várias iniciativas ligadas com a cortiça, nomeadamente a realização de visitas temáticas, que são promovidas pela Câmara Municipal de São Brás de Alportel.

Palavras-chaves: Património industrial corticeiro, Centro Interpretativo, São Brás de Alportel

Summary

Enhance the cork heritage in São Brás de Alportel

The town of São Bras de Alportel is situated in the interior of the Algarve between the mountains and the sea and is well known for producing the best cork in the world.

Between 1860 and 1875, São Bras de Alportel became an important commercial town surpassing Silves in the commercialization and transformation of cork. During this period the town was home to specialized workers from areas of Silves, Faro, Armação de Pêra, Querença, Portimão, Barão de São João, Lagos and Marmeleite who produced corks for bottles which ensured that the cork industry in Sao Bras became renowned world wide.

The town still has some cork producing factories but this is nowhere near what existed in 1900 when there more than 50 factories compared to the 5 in existence at the present time.

Since I am a graduate student in Management and Enhancement of Historic and Cultural Heritage specializing in Scientific, Technological and Industrial heritage, the cork industry and its importance to the municipality of São Bras de Alportel has motivated me to base my thesis on this subject.

During my internship at São Brás de Alportel municipality one of my goals was to produce an inventory of the industrial heritage left behind by the cork industry such as old cork transforming machinery which has mostly been abandoned. I have proposed the creation of a Theme Centre which would tell the story of the cork industry and its importance to São Bras de Alportel and its inhabitants, and highlight the various existing projects linked to this industry and particularly to promote guided tours organised by the São Brás de Alportel municipality to pass on this important history to the public at large.

Keywords: Cork industrial heritage, Interpretive Center, São Brás de Alportel

Índice

Introdução.....	7
Capítulo I- Síntese histórica sobre a indústria corticeira em Portugal.....	13
Capítulo II- O concelho de São Brás de Alportel e a indústria da cortiça.....	22
1. Caracterização de São Brás de Alportel.....	22
2. A evolução da Indústria da cortiça em São Brás de Alportel.....	25
3. As iniciativas da Câmara Municipal para a promoção da cortiça.....	31
Capítulo III- O património industrial imóvel/móvel existentes em São Brás de Alportel....	34
Capítulo IV- Proposta de criação de um Centro Interpretativo em São Brás de Alportel....	43
1. Centro Interpretativo.....	45
Conclusão.....	51
Bibliografia.....	53
Anexos.....	58
• Índice Anexo 1(Inventários Património Industrial Imóvel)	59
• Índice Anexo 1.1(Inventários Património Industrial Móvel)	60
• Índice Anexo 2 (Imagens).....	61
• Índice Anexo 3 (Mapa e Planta).....	62

Introdução

Tema e objetivo e problemática

O tema da minha dissertação é a preservação e valorização do património corticeiro em São Brás de Alportel, onde realizei um estágio durante o qual fiz a inventariação da maquinaria industrial da indústria da cortiça que se encontra dispersa, com vista à sua preservação, reabilitação e valorização de modo a contribuir para a manutenção da memória e dos vestígios materiais desta indústria que hoje já não são utilizados.

Desde cedo que o povo são-brasense apercebeu-se que poderia extrair benefícios da indústria corticeira sem grandes encargos ou preocupações de ordem tecnológica, fornecendo a matéria-prima que a indústria transformadora carecia. Por toda a freguesia de S. Brás de Alportel começaram a nascer dezenas e dezenas de fábricas e fabriquetas de cariz familiar, que era raro ultrapassarem a meia dúzia de trabalhadores e onde pouco mais existia que uma caldeira para a cozedura da cortiça e uma prensa para o seu enfardamento. Foi nestas circunstâncias que se atingiu o período mais florescente da atividade corticeira em São Brás de Alportel que começou nas últimas décadas do século XIX.

Visto que em São Brás de Alportel a indústria corticeira foi, e ainda é, tão importante, o objetivo deste estágio foi, como se disse, inventariar e recolher o maior número possível de máquinas e ferramentas que ainda existem, muitas das quais datam dos tempos do notável incremento que marcou esta vila situada no barrocal Algarvio.

Com a minha ida para o terreno, verifiquei à primeira vista, que esta atividade que outrora deu um importante lucro, está hoje destinada a ser esquecida. Observei que muitas das fábricas que visitei estão abandonadas e que outras estão em ruínas. São Brás de Alportel hoje tem apenas 5 fábricas a laborar, a maioria das quais devido à crise, estão em situação crítica. Será que esta indústria corticeira vai ser um dia esquecida? Quero pensar que não! Ao visitar cada uma destas fábricas/ fabriquetas que agora se encontram vazias, mas que lembram como o trabalho era realizado quando estavam na sua atividade, com os seus operários dedicados à preparação da cortiça, hoje encontro um espaço “ fantasma”

vazio e abandonado, sem que alguém pegue neste património industrial essencial para preservar a identidade.

Após o inventário recolha e estudo das máquinas (com a preocupação de fazer o seu enquadramento na história da indústria corticeira da vila), proponho a realização de uma proposta de um Centro Interpretativo para a vila de São Brás de Alportel, em que se apresente ao público visitante a história da sua indústria corticeira. Neste Centro Interpretativo será exposta a maquinaria recolhida e apresentada, cartografia com a localização das máquinas inventariadas das fábricas e será também apresentado, o testemunho de um ex trabalhador que apresentará a forma de como toda esta maquinaria funcionava e qual a sua finalidade. O Centro Interpretativo completará assim a Rota da Cortiça já existente na vila de São Brás de Alportel e que é um produto turístico cultural com uma forte componente ambiental. Há toda uma vida que se constrói à volta da cortiça. Um mundo repleto de histórias, de pessoas, lugares e modos de vida.

Estado da Arte

No ano de 1996 Estanco Louro (corticeiro) escreveu um manual designado de “*Livro de Alporte*”¹. Neste ano a cortiça, embora em decadência, foi ainda o ramo industrial mais importante do concelho e era a indústria que ocupava mais operários e implicava um movimento mais considerável de capitais. Por toda a área do concelho restavam 19 fábricas de cortiça que fabricavam rolhas, quadros e prancha. A laboração na grande maioria destas fábricas não era permanente e muitas das vezes era reduzida, devido à crise geral da indústria². Neste mesmo ano foi editado o livro “*De Geração em Geração*” que fala sobre a fábrica preparadora Nova Cortiça, e as várias fases que passou até ter o êxito que tem hoje, com a exportação de discos de cortiça para a Espanha, França e Itália³.

Nas últimas décadas São Brás de Alportel tem sido uma localidade muito divulgada devido à existência do montado do sobro e à sua indústria corticeira, inclusive no ano de 1998 houve uma conferência em São Brás de Alportel qual o tema principal foi o Montado de Sobro, que deu origem a uma obra que realça o povoamento florestal que enumera a importância da frágil economia corticeira portuguesa não só pelo seu valor intrínseco mas

¹ LOURO, 1996, p. 146

² Idem. p. 146-151

³ CORREIA, Sandra, CORREIA, César, 1996, p. 5-17

também porque constitui o melhor aproveitamento das serras de Portugal⁴. Em 2004, da autoria da Associação In loco localizada em São Brás de Alportel foi publicado o livro “*Rota da Cortiça*” que fala sobre o projeto desenvolvido Rota da Cortiça, cujo objetivo é dar a conhecer este Património Industrial a todos aqueles que visitam a vila de São Brás de Alportel, assim como a história que envolve este património⁵. A Câmara Municipal de São Brás de Alportel no ano 2006 preocupou-se em fazer o lançamento da obra “*São Brás de Alportel 90 anos de Memória*” que inclui fotografias desde do ano 1914-2004, nomeadamente fotografias de antigos descortecedores e fábricas⁶. Com a preocupação de proteger a serra do Caldeirão, foi elaborado um manual “*Gestão e Conservação de Sobreirais Serranos: O caso da Serra do Caldeirão*” que mostra o projeto que teve como área de trabalho esta Serra, envolvendo organizações com competências e perspetivas complementares no uso e gestão dos espaços florestais: a ERENA- Ordenamento e Gestão e Recursos Naturais Lda, o Centro de Ecologia Aplicada Baeta Neves do Instituto Superior de Agronomia, a Associação In Loco, a Associação de Defesa do Património de Mértola e a Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão. Em conjunto todos estes participantes tiveram o objetivo de demonstrar os efeitos a curto e longo prazo da gestão do sub-coberto em povoamentos suberícolas, demonstrar as repercussões à escala da paisagem, das opções de gestão tomadas a nível das parcelas individuais pelos produtores e gestores florestais, desenvolvimento e demonstração de cenários de gestão do sub-coberto em povoamentos suberícolas, divulgação das melhores abordagens e técnicas de gestão do sub-coberto em povoamento suberícolas, para favorecer o uso sustentável deste sistema florestal⁷.

No ano de 2008 Afonso Cunha Duarte (Padre em São Brás de Alportel) escreveu o livro “*Terras de Alportel*”⁸, no qual afirma que a cortiça é a identidade deste concelho e que, por isso, se tornou o símbolo de São Brás de Alportel. Indicava que na altura o sector corticeiro era o segundo maior empregador de mão-de-obra do concelho e que existiam 5 empresas tecnologicamente bem apetrechadas para a preparação e transformação da cortiça.

Em 2010 surgiu o livro “*Estudos sobre a I Republica em S. Brás e Faro*”⁹, escrito por Paulo Pires, que descreve a indústria corticeira antes da I República e o seu grande apogeu em 1900. Mais recentemente, em 2014, foi editado o livro “*Memórias das terras de*

⁴ GUERREIRO, M. Gomes, 1998, p. 1-20

⁵ IN LOCO SÃO BRÁS DE ALPORTEL, 2004, p. 16-17

⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL, 2006, p.153-156

⁷ ERENA- Ordenamento e Gestão de Recursos Naturais Lda, SD, p. 1-34

⁸ DUARTE, Afonso da Cunha, 2008, p. 337-355

⁹ PIRES, Paulo, 2010, p. 47-52

Alportel” escrito por Manuel Brito Guerreiro júnior que recorda a época de ouro da cortiça, e relembra o maior centro corticeiro radicado em Alportel, as fábricas e fabriquetas familiares e aqueles que tanto contribuíram para o desenvolvimento da sua terra¹⁰.

Objetivos, etapas e metodologia do estágio

Desde Outubro de 2014 que tenho trabalhado neste meu projeto de Relatório de Estágio, que tem como foco a indústria corticeira de São Brás de Alportel. Os meses de Outubro, Novembro e Dezembro foram meses de pesquisa e recolha de informação acerca da indústria corticeira a nível nacional e em particular de São Brás de Alportel.

No dia 5 de janeiro de 2015 entrei em estágio na Câmara Municipal de São Brás de Alportel, onde primeiramente fiz o levantamento das fontes e da bibliografia disponíveis no Arquivo Municipal, e onde encontrei várias Atas das reuniões de Câmara do período 1916-1974. Através destas fontes consegui saber o nome de algumas fábricas que ainda existem na Vila de São Brás de Alportel. Fiz a recolha destas fontes, que serviram para mais tarde completar as informações das fichas de inventário. Fiz também a recolha de bibliografia na Biblioteca Municipal, onde foi possível encontrar diversos manuais que falam sobre a indústria corticeira a nível nacional e de São Brás de Alportel. Com toda esta recolha comecei a escrever as primeiras páginas deste relatório, primeiramente comecei por escrever o primeiro capítulo “Uma visão geral sobre a Indústria Corticeira em Portugal” e depois a “Caracterização de São Brás de Alportel” e “O concelho de São Brás de Alportel e a indústria da cortiça” (Capítulo II).

No mês de fevereiro foi feita a análise das iniciativas da Câmara Municipal para a promoção da cortiça (Rota da Cortiça), e procurei saber o que a Câmara Municipal realizou até ao momento no âmbito da divulgação da cortiça. Ao longo deste mês também foi feita a recolha de mais bibliografia. Em finais de fevereiro dei início ao meu trabalho de campo, através da leitura do Kit 001(Património Arquitetónico-geral) e do Kit 003 (Património Industrial) e elaborei as fichas para a realização do inventário do património imóvel e móvel de São Brás de Alportel. Nos meses seguintes realizei o trabalho de campo de inventário do património imóvel e móvel ainda existente com preenchimento das fichas de inventário, nas

¹⁰ GUERREIRO, Manuel, 2014, p. 132-137

quais procurei conjugar a investigação histórica com a análise de cartografia e trabalho de campo. Em conjunto com estas mesmas fichas tive ao meu dispor a cartografia de São Brás de Alportel e arredores, que me permitiu localizar as fábricas para fazer o respetivo inventário. Procurei contudo saber mais sobre cada fábrica e analisar o património imóvel/móvel. Foi necessário uma recolha das várias fábricas disponíveis para ajudar-me neste meu projeto, foram elaboradas cartas para os corticeiros, com os vários objetivos a que me propunha para elaborar os inventários. Neste processo de inventariação do património imóvel e móvel foi necessário fazer uma recolha fotográfica, para se conhecer melhor a situação em que se encontra o património industrial. Ao longo de todo este processo de inventariação tive a ajuda de uma representante da Câmara Municipal, Doutora Custódia Reis, que foi fundamental para entrar em contacto com todos os corticeiros disponíveis para a elaboração deste projeto.

Ao logo deste processo de inventariação, contactei com a realidade da indústria corticeira de São Brás de Alportel, e pude ter um feedback dos vários corticeiros em relação à indústria corticeira. Tive o privilégio de todos os dias durante vários meses contactar com este negócio da indústria corticeira, que ajudou tantas famílias ao longo da sua história.

Depois de todos os inventários realizados, passei a analisar estes mesmos inventários e procurei retirar várias conclusões. Pretendi conjugar a análise dos gráficos com o texto para facilitar a leitura e a análise do leitor. Estes gráficos mostram a situação atual da indústria corticeira de São Brás de Alportel. Também procurei identificar um edifício pertencente à Câmara Municipal, onde fosse possível instalar um Centro Interpretativo em São Brás de Alportel. Para este trabalho contei com a ajuda da engenheira da Câmara Municipal Telma Rasquinho. Em conjunto procurámos várias possibilidades de locais onde poderia ser instalado este Centro Interpretativo e identificamos como um possível o edifício onde hoje está uma das oficinas da Câmara Municipal, o local não podia ter sido melhor escolhido, pois situa-se na parte histórica de São Brás de Alportel. Procurámos verificar se era possível ajustar todos os espaços propostos por mim dentro deste edifício, e com imenso trabalho e dedicação foi possível elaborar uma planta altamente focada nos objetivos propostos. Discutimos que o Centro Interpretativo iria conter a história da indústria corticeira são-brasense e toda, ou quase toda a maquinaria inventariada, permitindo que o público estivesse em contacto direto com a maquinaria que esteve envolvida no grande apogeu da indústria corticeira em São Brás de Alportel. Este centro iria contar com diferentes tipos de comunicação, tendo em atenção os vários sectores etários que o podem visitar como, crianças, adolecentes, adultos, e pessoas terceira idade. Um dos principais objetivos do

centro é sem dúvida cativar público, através de palestras, eventos culturais, propondo às escolas do concelho a visita regular a este centro, para cativar os alunos a realizar trabalhos sobre a cortiça, para que estes se envolvam com a identidade corticeira da sua região.

Ao longo deste estágio também verifiquei que não havia uma tão vasta bibliografia, como pensava, sobre a indústria corticeira de São Brás de Alportel, e essa foi uma das grandes dificuldades com que me deparei, mas através do contacto direto com os corticeiros, e dos seus testemunhos de vida, e através do inventário que realizei consegui saber muito sobre a indústria corticeira em São Brás de Alportel.

Este estágio teve início, como já referi anteriormente, no dia 5 de Janeiro de 2015 e terminou no dia 29 de Maio de 2015. Meses de muita pesquisa sobre a indústria corticeira de São Brás de Alportel e a identidade desta vila. Leituras e pesquisas feitas no Arquivo Municipal e cartografia da vila de São Brás de Alportel, fotografia, filmagem dos corticeiros a trabalhar, foram elementos fundamentais para a realização deste estágio. Através deste trabalho procurei também aplicar todos os conhecimentos dados em aulas, permitindo que eu evoluísse como pessoa dedicada a este tipo de património.

Capítulo I

Síntese histórica sobre a indústria corticeira em Portugal

A indústria da cortiça é hoje um dos sectores industriais mais avançados e inovadores, pois soube cruzar o seu saber ancestral com os modernos conhecimentos e tecnologias. Nos últimos anos a indústria portuguesa de cortiça investiu fortemente na investigação e no desenvolvimento do tratamento da cortiça e criação de novos produtos, mas nem sempre foi assim ao longo da história desta indústria.

A produção de cortiça na Europa está limitada a uma região comparativamente pequena de países da zona ocidental do Mediterrâneo. Atualmente o nosso país lidera o mercado mundial de matéria-prima produzindo mais de 50% da cortiça mundial.

A cortiça é um produto natural e com determinadas características, como elasticidade, impermeável a líquidos e gases, excelente capacidade de isolamento térmico e acústico, retardador natural de fogo, elevada resistência ao atrito, leve, hipoalergénica e suave ao toque, que a tornam insubstituível, e faz com que a indústria deste sector ocupe no domínio da economia nacional uma posição de relevo. Esta posição não se prende só com o aspeto económico, mas também com aspetos sociais. Este produto, a cortiça, é por norma um produto nobre, que tem uma clientela exigente, o que faz com que dignifique o nome de Portugal a todo o mundo. A cortiça sendo um recurso limitado faz com que esta atividade procure novas formas de atuação a nível do processo produtivo e comercial e da renovação e modernização tecnológica, com a da atividade corticeira a receber um maior investimento na formação dos recursos humanos¹¹, ao mesmo tempo que se procura investir na renovação e melhoramento dos sobreiros. Assim, com o passar dos anos o sobreiro (*Quercus Suber*) começou a ter uma maior evolução, surgiram mais plantações e houve um maior cuidado com esta árvore¹².

Em relação à indústria da cortiça tudo começou no século XIII, altura de que datam as primeiras referências históricas portuguesas sobre o sobreiro. A partir do século XVI são

¹¹ CINCORK – Centro de Formação Profissional da Indústria da Cortiça, 1991, p. 3-18

¹² FORTES, Manuel, ROSA, Maria, PEREIRA, Helena, 2004, p. 211-248

várias as posturas em defesa dos sobreiros da serra algarvia o que comprova a sua importância¹³.

Sendo a região do Sul de Portugal uma zona com um número importante de sobreiros, as principais fábricas de cortiça da 2ª metade do século XIX encontravam-se localizadas no Ribatejo, Alentejo e Algarve¹⁴. O início da indústria da cortiça nesta região está ligado com a vinda de catalães para a região do Sul de Portugal. Também na década de 1840 surgem empresários ingleses ligados a fábricas de cortiça noutras regiões, como é o caso do distrito de Évora, onde em 1844 Tomás Reynolds fundou uma fábrica em Estremoz, na qual na altura trabalhavam entre 60 e 70 operários, fundando no ano seguinte uma outra fábrica na Azaruja¹⁵. Tomás Reynolds possuía também uma Fábrica de cortiça em Portalegre que em 1848 foi comprada por George Robinson¹⁶.

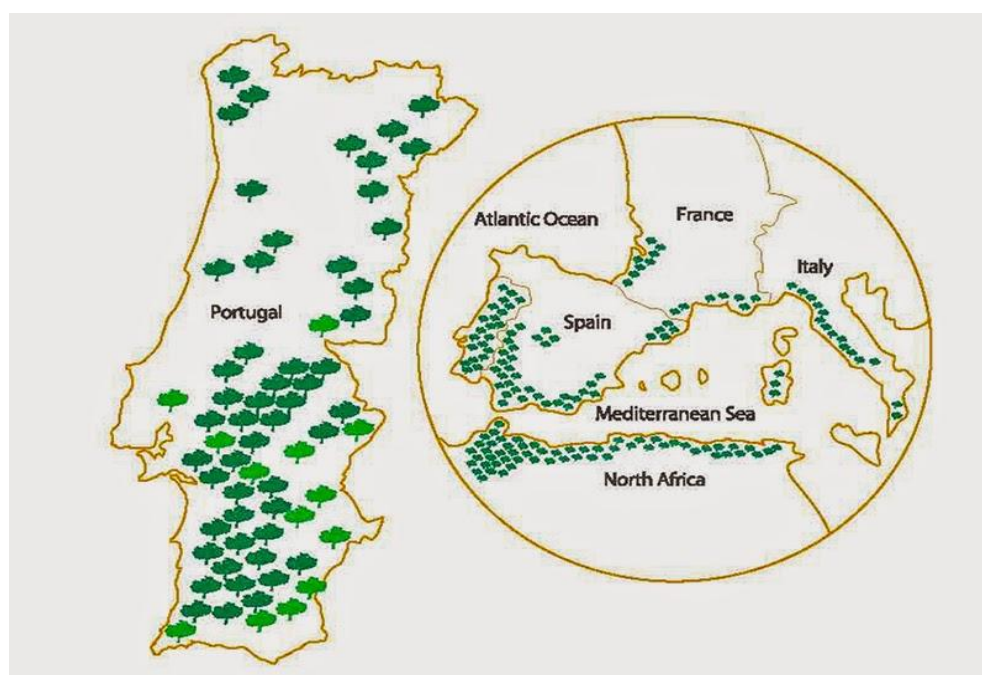


Fig 1- Distribuição do sobreiro

Fonte: RUSCHEL, Rogério, (2014), <http://invinovias.blogspot.pt/2014/08/fique-esperto-saiba-como-rolha-de.html>, (Acesso em 13-03-2015)

¹³ MARQUES, 1999, p. 424- 427

¹⁴ MORUNO, Francisco M. Parejo e FAÍSCA, Carlos M., O mercado florestal de cortiça no Sudoeste ibérico, 1833-1914: Contratos, redes comerciais e agentes económicos, paper XIV CONGRESO DE HISTORIA AGRARIA Badajoz, 7-9 de noviembre de 2013, p. 4

¹⁵ A direção desta fábrica “foi entregue ao catalão André Camps, razão por que a fabricação de rolhas se processava de acordo com o método catalão ou de cutelo fixo”, MATOS, Ana Cardoso de, “A Indústria no Distrito de Évora”, *Análise Social*, Vol. XXVI (3.º-4.º), 1991 (n.º 112-113), p.571.

¹⁶ GUIMARÃES, Paulo, *Elites e indústria no Alentejo (1890-1960) : um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Edições Colibri/CIDEHUD, 2006, p.167.

O crescente aumento de interesse pela indústria da cortiça teve como consequência um aumento de trabalhadores neste ramo industrial. Por volta de 1840 havia aproximadamente 6000 operários em todo o país a produzir rolhas de cortiça¹⁷. Nesta época a concorrência era muito forte entre os vários países mediterrânicos, pois todos tinham o objetivo de expandir as plantações de sobreiros em conjunto com o desenvolvimento das fábricas para a transformação da cortiça¹⁸.



Fig 2- Fábrica Robinson

Fonte: LEITE, José, (2011), <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/05/fabrica-robinson-de-cortica.html>, (Acesso em 13-03-2015)

Ao longo do século XIX, foi grande a preocupação com algumas questões, como por exemplo a concorrência estrangeira o que levou as autoridades centrais e os administradores dos distritos a tentarem obter informações das fábricas e oficinas das regiões sobre as quais exerciam a sua jurisdição¹⁹.

¹⁷ RODRIGUES, Manuel Ferreira, MENDES, José M. Amado, 1999, p. 250-252

¹⁸ Idem. p. 250-252

¹⁹ MATOS, Ana Maria Cardoso, 1991, p. 562- 563

Devido à concorrência exterior, a produção da indústria corticeira diminuiu e no ano de 1900 o número de operários a nível nacional caiu de 6000 para 3500. Nesta altura existiam em Portugal 91 fábricas que preparavam a cortiça e que se localizavam nos distritos de Bragança, Porto, Castelo Branco, Portalegre, Lisboa, Santarém, Beja, Évora e Faro.

Ao longo do tempo verificou-se uma alteração da fabricação manual para a mecânica, mas foi um processo lento. Por outro lado, se num primeiro momento as fábricas só produziam rolha, no século XX vai-se assistir a uma diversificação de produtos e algumas fábricas passaram a fabricar também aglomerados, como por exemplo a fábrica da sociedade corticeira Robinson (Portalegre) e a firma Barreira e Irmãos²⁰.



Fig 3- Operários da indústria corticeira de Sines

Fonte: Memória e Anarquismo ao Sul,(2013)

<https://revistaalambique.wordpress.com/2013/01/15/sines-a-memoria-anarco-sindicalista-i/>,(Acesso em 13-03-2015)

A história da indústria corticeira em Portugal ao longo do século XX pode ser dividida em três períodos distintos: o primeiro que vai de 1900 a 1914, isto é até a 1ª Guerra Mundial, o segundo que vai de 1914 a 1928, ano em que se inicia a reorganização económica e financeira do país, e por fim, o terceiro período que começa 1928²¹.

De 1900 até inícios de 1905 a Indústria corticeira em Portugal atravessou uma grande crise, foram anos de muita conturbação e revolta, os corticeiros exigiam acordos favoráveis e a

²⁰ RODRIGUES, Manuel Ferreira, MENDES, José M. Amado, 1999, p. 251

²¹ PEREIRA, Gonçalves, 1941, p. 21-23

concessão de empréstimos financeiros melhores para adquirir e modernizar equipamentos, e ao longo destes anos verificaram-se muitas a greves²².

Um dos períodos perniciosos para as nossas exportações de cortiças trabalhadas verificou-se de 1905 a 1914, altura em que os países importadores dificultavam a entrada das cortiças estrangeiras, nomeadamente portuguesas, sobrecarregando de impostos as cortiças manufaturadas e isentando a matéria-prima.



Fig 4- Greve de operários em 1911

Fonte: Câmara Municipal do Barreiro- Divisão de Promoção Cultural,(2010) <https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/lutas-operarias-na-cuf-barreiro/>,(Acesso em 13-03-2015)

Por outro lado, o baixo de preço da cortiça nacional no mercado externo era uma realidade. No período da Guerra Mundial até 1921/22, embora a área suberícola tenha aumentado, os mercados estavam desorganizados e as dificuldades de transporte eram

²² PIRES, Paulo,2010, p. 28

grandes, o que alterou o ciclo de crescimento que se tinha vivido no período anterior. O valor das nossas exportações de rolhas, em escudos, foi aumentando depois da 1ª Guerra Mundial, verificando-se uma valorização de 2337 por cento, correspondendo a um volume de 17 por cento de aumento²³.

A partir do ano 1921 a exportação de cortiça sob todas as formas intensificou-se, ultrapassando no ano de 1923 os valores da exportação do período anterior à guerra.

A crise das indústrias corticeiras foi antecipada pelo abalo conjuntural de 1924 que arrastou consigo uma profunda crise das indústrias vocacionadas para a exportação deste produto. Foram muito poucas as fábricas que conseguiram dar trabalho contínuo e regular ao longo de todos os meses do ano, sendo o funcionamento da grande maioria sazonal. Quando terminava a fase da preparação ou transformação dos lotes de cortiça que se compravam no mato e enquanto não recebiam as novas remessas de matéria-prima, as portas das fábricas fechavam e os operários ficavam sem ganhar. Perante este período de crises que se faziam sentir no ramo da indústria corticeira, adotaram-se as primeiras medidas de proteção do sobreiro.

Até ao ano 1924 os preços da cortiça tinham-se mantido relativamente baixos e foi-se verificando um aumento gradual do seu consumo ao ponto de ultrapassar a partir de 1924/25 a produção. Com alternância de momentos altos e baixos a exportação foi sempre aumentando, até atingir o seu auge em 1926²⁴.

No 3º período devido à concorrência estrangeira a indústria da cortiça passou por momentos de crise e muitos foram os industriais corticeiros que exigiram ao Estado que interviesse junto dos governos estrangeiros com o objetivo destes baixarem os direitos pautais sobre a rolha portuguesa ou então proibirem a exportação da cortiça em bruto²⁵. Segundo afirma Ignacio Garcia Pereda, em 1929 o sector da cortiça perdeu três dos seus mais importantes mercados, Rússia, Alemanha, e Áustria, que eram consumidores de 60% da sua produção. Em Portugal as fábricas funcionavam como centrais de compra de matéria-prima, que depois era transformada em grande parte no exterior²⁶.

Em 1932, a França, que era para além de produtor de cortiça, um grande transformador, viu-se invadida de cortiça barata, proveniente de Espanha, Argélia e Portugal²⁷.

²³ PESTANA, Miguel, TINOCO, Isabel, 2009, p. 4-6

²⁴ PEREDA, Ignacio Garcia, 2009, p. 17-18

²⁵ Idem. p.17

²⁶ Idem. p.18

²⁷ PESTANA, Miguel; TINOCO, Isabel, 2009, p.4

Na data de 1933 criaram-se os elementos iniciais da organização corporativa e logo nessa altura estabeleceram-se os organismos de coordenação económica criados pelo Ministério do Comércio, Indústria, e Agricultura, os Sindicatos Agrícolas e as Associações Patronais constituídos ao abrigo do decreto de 9 de Maio de 1891 continuaram transitoriamente a regulamentar-se pelos seus estatutos²⁸. A nova organização corporativa foi resultante da ação ideológica do Estado Novo que defendia doutrinas reformistas que se opunham ao liberalismo económico e político²⁹. Dentro destas novas ideias desenvolveu-se rapidamente a organização corporativa quer no campo económico, quer no social criando-se em consequência do decreto nº 23.048 de 23 de Setembro de 1933 numerosos grémios corporativos, como órgãos representativos das entidades patronais e do capital, e sindicatos nacionais subordinados ao princípio estabelecido no art. 40º do Estatuto do Trabalho Nacional que afirmava que “ *a organização profissional abrange não só o domínio económico mas também o exercício das profissões livres e das artes, subordinando-se a sua ação neste caso a objetivos de perfeição moral e intelectual que concorram para elevar o nível espiritual da nação*”³⁰. Assim em 1933 criaram-se os primeiros elementos da organização corporativa e estabeleceu-se a coordenação económica que havia sido criada pelo Ministério do Comércio³¹. Nesta altura a indústria corticeira em Portugal necessitava de trabalhar em harmonia com um plano nacional que a obrigasse ao máximo rendimento e a suportar os embates da crise que já se fazia sentir a nível internacional³².

Apesar da situação internacional nos finais de 1936, Portugal estava numa posição muito vantajosa, já que dispunha de cortiça em quantidade e com qualidade, enquanto os seus mais diretos concorrentes tinham posições fragilizadas. Em Espanha, como consequência da guerra civil, o mercado estava quase dizimado e na Argélia verificava-se o aumento dos preços. A prancha de cortiça era o principal produto desta fileira em Portugal, pelo que o nosso país exportava esta matéria- prima em bruto para centros de transformação como o Reino Unido, a Alemanha, os Estados Unidos da América, a França, a Suíça, a Rússia, a Polónia, a Checoslováquia, o México, o Japão e a Austrália. A nível mundial, até à década de 50, os Estados Unidos da América foram responsáveis pela transformação de cerca de 50% da cortiça produzida mundialmente, a par com o Reino Unido, a Alemanha e a Suíça, que estavam fortemente industrializados nesta atividade. Os Estados Unidos da América

²⁸ PEREIRA, Gonçalves, 1941, p. 29-31

²⁹ ROSAS, Fernando, BRITO, Brandão, 2001, p. 1031-1054

³⁰ Idem. p. 31

³¹ PEREIRA, Gonçalves, 1941, p. 29-31

³² GODINHO, António, 1941, p. 15-16

foram durante bastantes anos, os grandes impulsionadores do desenvolvimento desta indústria. Mais tarde, a capacidade de transformação começou a concentrar-se em Espanha e mais tarde em Portugal³³.

De 1939 a 1945, com a II Guerra Mundial, as exportações continuaram a subir, sendo a cortiça considerada como um produto estratégico. O pós-guerra (1944-46) foi propício para o crescimento das exportações de cortiça, contudo de 1946 até ao início da década de 50, verificou-se uma queda das nossas exportações. Portugal, até aos anos 50, contava com uma industrialização que continuava a ser lenta, mas que beneficiou com os períodos de perturbação internacional, que criaram dificuldades a produção de artigos de cortiça noutros países. Com a Guerra da Coreia (década de 50) os norte-americanos fizeram grandes aprovisionamentos de cortiça, levando o mercado mundial a uma avidez por este produto, o que originou um aumento do preço da cortiça. Nesta altura Portugal sofreu uma grande industrialização. Foi no século XX, onde o crescimento económico e o progresso social se apoiaram mutuamente, onde o modelo económico se pautava pela substituição de importações e no protecionismo interno e externo. Com a década de 60, observou-se uma alteração substancial a nível nacional e, em particular, na indústria transformadora desta fileira. De facto, com o aumento verificado no custo da mão-de-obra nos países industrializados e com o aumento também do custo de transporte, os países produtores de cortiça, Espanha e Portugal, começaram a ter uma situação mais favorável ao desenvolvimento desta indústria e surgiu um grande número de empresas, ficando os países que até então tinham importância na transformação de cortiça, vocacionados na produção de produtos de maior valor acrescentado³⁴. Foi na década 60, que o valor das nossas exportações de cortiça atingiu 150.000 a 170.000 toneladas, o que correspondia mais de metade da produção mundial. Foi no fim desta década que se verificou a maior transformação: o fim da fase em que Portugal exportava matéria-prima, para se demarcar como país transformador desta matéria-prima. Com o 25 de Abril, observou-se uma mudança de regime político causado pela deterioração do ritmo do crescimento económico e pela influência preponderante de fatores externos. Entretanto, até finais de 1975, houve uma vincada rutura com o modelo de desenvolvimento económico anterior, marcando uma mudança na vida portuguesa, o que originou uma grande instabilidade política, definindo-se claramente uma intenção anti monopolista e anti latifundiária. Em seguida,

³³ PESTANA, Miguel; TINOCO, Isabel, 2009, p. 4-5

³⁴ Idem. p. 5-7

de finais de 1975 a inícios de 1978, a situação foi marcada pela profunda crise da atividade produtiva e pelo agravamento do desemprego³⁵.

Em 1983 a finais de 1985, decorreu um programa de estabilidade financeira e um novo acordo com o FMI. O Programa de Recuperação Económica e Financeira (PREF) para 1985/87, que incluía nos seus objetivos o relançamento económico, permitiu que fossem criadas as bases de reestruturação e modernização da economia portuguesa, com o intuito da integração na CEE. A partir de 1990 foram alteradas as políticas macroeconómicas, para promover a convergência nominal no âmbito da CE. O combate à inflação passou a ser um objetivo prioritário o que, somado com a fase cíclica de depressão por que estavam a passar os países Europeus, originou uma crise profunda na nossa economia. Foi então tomado um conjunto de reformas, de que se destaca a privatização de boa parte das empresas nacionalizadas e a extinção do que ainda restava da reforma agrária³⁶.

Convém ainda referir que a indústria corticeira está tradicionalmente organizada de formas muito diversas e o trabalho realizado nos diferentes estabelecimentos fabris pode ser muito diferente. Assim, existem várias unidades fabris, em que pode haver só a fase de preparação, enquanto outras estão especificamente especializadas na transformação e outras ainda se limitam à atividade granuladora. Para além da divisão que se pode fazer entre as fábricas em função das suas características de produção, também se pode fazer uma classificação geográfica, e enquanto umas indústrias que estavam dependentes da sua localização junto dos montados, outras aproveitavam a proximidade de um rio ou do caminho-de-ferro para o transporte do produto final³⁷.

Tudo indica que no século XXI, a cortiça voltará a ter o respeito e a admiração enquanto matéria-prima nobre e multifuncional. Não só a reputação das rolhas naturais como vedantes de excelência, como neste século em que a preocupação ambiental se tornou uma constante, o recurso a um material ecológico, reciclável e biodegradável como a cortiça tem vindo a crescer, sobretudo em áreas inovadoras como o Design para a Sustentabilidade e o Eco Design³⁸.

³⁵ PESTANA, Miguel; TINOCO, Isabel, 2009, p. 7

³⁶ Idem.p. 4-22

³⁷ MATTARELLO, Stefania, 2010, p. 67-75

³⁸ Associação Portuguesa da Cortiça - <http://www.apcor.pt/artigo/historia-cortica.htm>, data de visualização: 04-03-2015

Capítulo II

O concelho de São Brás de Alportel e a indústria da cortiça

1- Caracterização de São Brás de Alportel

A localidade de São Brás de Alportel localiza-se no distrito de Faro, na região e sub-região do Algarve. Este concelho tem por limites, a Norte e Este o concelho de Tavira, Sudeste o concelho de Olhão, Sul o concelho de Faro e a Oeste o concelho de Loulé.

O município de São Brás de Alportel tem apenas uma freguesia- São Brás de Alportel, e faz parte dos 16 concelhos do distrito de Faro. Esta localidade está situada no coração do sotavento algarvio e tem uma população de cerca de 10662 habitantes.

São Brás de Alportel tem uma área de 150 km² e apresenta uma forma aproximada a um retângulo, tendo o seu maior lado a orientação Norte-Sul. Para Norte, Nascente e Poente, esta localidade confina com os contrafortes da serra do caldeirão, e a Sul contacta com a linha de cerros do barrocal, que já estão situados no município de Faro.

Em relação ao clima, São Brás de Alportel, caracteriza-se por apresentar um clima temperado mediterrânico com verões quentes e secos e invernos suaves. A nível da precipitação distribui-se de forma irregular ao longo do ano, sendo a precipitação mais concentrada nos meses de Setembro a Março.

São Brás de Alportel também é caracterizado pelos seus rios e ribeiras, como as Ribeira do Alportel, Ribeira de Fronteira e a Ribeira da Foupana. A primeira ribeira, designada por Ribeira do Alportel, nasce próximo de São Brás de Alportel e desagua no Rio da Séqua.

A nível socioeconómico neste concelho destaca-se o sector terciário, seguido pelos sectores secundário e primário. No sector terciário é de referir a importância do comércio. No secundário destaca-se a indústria extrativa de calcário e de brecha, e a indústria corticeira. A indústria corticeira surge no século XIX e ainda continua a ter uma grande importância para a região, uma vez que a extensa área do montado de sobrado dá origem a

uma cortiça de grande qualidade. A área agrícola de São Brás de Alportel ocupa 13,6% da área do concelho, e as culturas predominantes são os cereais e os frutos secos e frescos, principalmente citrinos, o olival e o pousio. Em relação à pecuária, as aves, os ovinos e os caprinos são os animais que têm maior destaque. É de salientar que o concelho de São Brás de Alportel possui uma elevada densidade florestal, que corresponde a 2580 hectares de floresta, e que é constituída por azinheiros, sobreiros, medronheiros e cerros redondos e encadeados, cobertos de estevas.

O concelho de São Brás de Alportel, encontra-se em plena Orla Meso cenozoica Meridional. As Olas Sedimentares Mesozoicas formaram-se a partir do Pérmico, nas margens continentais a Oeste e a Sul da Península Ibérica, estando relacionadas com os fenómenos tectónicos distensivos que deram lugar à abertura do Oceano Atlântico³⁹.



Fig 5- São Brás de Alportel

Fonte: s.a,(2014)

http://www.imatico.lu/uk/Country%20House_Portugal_algarve_Sao%20Bras%20de%20Alportel_LDO6429.htm,(Acesso em 02-04-2015)

³⁹ POPH, 2012, p. 14

A nível geomorfológico, o município de São Brás de Alportel é dividido em três zonas: a serra a Norte, o barrocal a Sul e a Gola Vulcano-Sedimentar, uma estreita faixa que divide as duas zonas anteriores. Toda a zona serrana do município de São Brás de Alportel ocupa cerca 2/3 da sua área total, que integra a Serra do Caldeirão e é caracterizada por uma flora e fauna riquíssimas, apresentando como principal riqueza a produção de cortiça, mel e aguardente de medronho. A serra ocupa assim toda a zona situada para Norte de uma linha que passa junto de Alportel e de Pêro de Amigos, na direção Este-Oeste, litologicamente constituída pelo complexo xisto-grauváquico⁴⁰. A serra compõe-se de uma sucessão de elevações de maior ou menor cota, que se desenvolvem em leque pela bacia hidrográfica, a Ribeira do Alportel.

O barrocal situa-se a Sul da linha acima referida e estende-se até ao município de Faro, a Sul. A nível da sua constituição litológica são formações calcárias que conferem ao terreno um relevo ondulado.

É importante referir que a presença humana neste concelho remonta à época Pré-Histórica, como certificam os diversos achados. A presença Romana neste território ficou testemunhada por diversos vestígios que apontam para a existência de possíveis necrópoles, casais agrícolas, uma vila e calçadas que integravam a antiga rede viária Romana. Esses mesmos sítios foram identificados pela presença de fragmentos de cerâmica fina. A ocupação Islâmica também está comprovada através de fontes documentais e de vários sítios arqueológicos com uma ocupação cronológica compreendida entre os períodos Califal (séculos X-XI) e Almóada (séculos XII-XIII), nomeadamente alcarias e pequenos povoados agrícolas. Estes sítios foram identificados pela presença de artefactos cerâmicos, como por exemplo, louça de mesa, de cozinha, de armazenamento (cântaros, talhas) e de construção (telhas digitadas) e ainda por artefactos metálicos, como amuletos e moedas. Desde a época Romana (século II/I a.C.) até a fundação do concelho em 1914 São Brás de Alportel pertenceu ao termo da cidade de Faro (Ossónoba) motivo pelo qual a sua história mantém, ao longo de todos estes séculos uma estreita relação com a dessa cidade⁴¹.

⁴⁰POPH,2012, p. 15

⁴¹Idem. p. 16-25

2- A evolução da Indústria da cortiça em São Brás de Alportel

A vila de São Brás de Alportel, que, como se disse, fica situada no barrocal algarvio, tem a particularidade de estar situada ao pé da Serra do Caldeirão, serra esta que é dominada pelo sobreiro. Esta floresta que cobre toda a Serra do Caldeirão aumentou a partir dos anos 60, quando o declínio do rendimento agrícola provocou o progressivo abandono da terra e o despovoamento da Serra. Seguiu-se um período de recuperação das áreas de matos e matagais e de repovoamento florestal, que conduziu à paisagem atual marcada pela grande extensão de sobreirais⁴².

A indústria da cortiça sofreu um grande crescimento no Algarve e particularmente em S. Brás de Alportel a partir do século XIX⁴³. Entre 1850 e 1900 existiam 143 fábricas de preparação e transformação com cerca de 3000 postos de trabalho⁴⁴. Por seu lado, Fábrica do Inglês de Silves é a prova de uma grande fábrica que marcou a cidade de Silves e demonstra a importância da indústria da cortiça na região algarvia⁴⁵. De facto fontes distintas apontam para S. Brás de Alportel e para Silves, datas quase coincidentes (1861 e 1862) como as do início da comercialização e transformação da cortiça em grande escala⁴⁶. Nesta altura São Brás de Alportel tornou-se um importante centro comercial e suplantava Silves na exploração comercial e na transformação da cortiça. Durante este período a vila acolheu vários operários rolheiros de Silves, Faro, Armação de Pera, Querença, Portimão, Barão de São João, Lagos e Marmeleite que contribuíram para dinamizar a indústria corticeira são-brasense. As últimas décadas do século XIX foram a “era dourada” de São Brás de Alportel devido ao florescimento da indústria e comércio da cortiça. Assistiu-se a par de um notório desenvolvimento comercial a um crescimento demográfico que foi único na história deste concelho. Fontes históricas apontam para a existência na década de 1890 cerca de 100 fábricas a labora⁴⁷. O movimento republicano e a difusão do seu ideário em São Brás de Alportel está fortemente ligado à dinâmica dos novos negociantes, industriais, proprietários e operários, para quem a velha ordem monárquica não dava resposta aos anseios económicos e sociais. O período de 1905 a 1910 foi marcado por várias greves da indústria corticeira do

⁴² ERENA, Associação de Defesa do Património de Mértola, Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão, In Loco, Centro de Ecologia Aplicada Baeta Neves- ISA, 2006, p. 4

⁴³ MARQUES, Maria, 1999, p. 424-427

⁴⁴ MACHADO, José, 1984, p. 32-61

⁴⁵ MUSEU da Cortiça da Fábrica do Inglês, 1999, p. 87-97

⁴⁶ SANTOS, Oliveira, 2002, p. 7-12

⁴⁷ Rede Bibliotecas, <http://republica-sba.webnode.com.pt/cronologia-local/>, data de visualização (07-06-2015)

Algarve. Em 1905 verificou-se a primeira referência oficial de uma greve em São Brás de Alportel. Esta greve teve lugar na fábrica do industrial, Manuel da Silva Barreira Júnior e mobilizou cerca de 60 operário⁴⁸. No ano de 1908 os industriais corticeiros de São Brás de Alportel fizeram um manifesto exigindo a redução de 60% das tarifas de transporte de mercadorias no caminho-de-ferro do sul⁴⁹. O ano (1909) foi um ano particularmente conturbado. Algumas fontes falam na existência de uma associação de corticeiros organizada, que pretendia aderir à Federação Corticeira que estava a ser criada, sendo Francisco Paulino o representante por São Brás de Alportel, em inúmeras reuniões tidas em Lisboa em conjunto com os delegados do Poço do Bispo, Almada, Belém, Barreiro, Vendas Novas, Seixal e Silves. Este ano de muita conturbação e revolta, fez com que o mês de agosto de 1909 se verificasse uma greve dos operários das fábricas, Francisco Viegas Louro e do seu sobrinho João Viegas Louro Júnior, consideradas duas das principais fábricas de preparação e transformação da cortiça em rolha da então freguesia de São Brás de Alportel. Existiram na altura episódios de boicote às greves e de conflitos entre operários e o patronato, quer no seio da própria massa trabalhadora era cada vez mais assíduo à medida que se caminhava para 1910. Por outro lado, os proprietários de fábricas e de oficinas exigiram ao Governo a concessão de empréstimos financeiros melhores para poderem modernizar as fábricas e adquirir maquinaria mais competitiva, porém o Governo nunca deu resposta favorável aos seus pedidos. No ano de 1910 deu-se proclamação da República Portuguesa, e em Novembro deste mesmo ano os trabalhadores corticeiros de São Brás de Alportel criam a sua associação de classe. Em Dezembro de 1910 foi organizado um comício na aldeia para debater o problema da indústria corticeira e José de Sousa Uva (corticeiro) propôs a compra da cortiça dos montados da aldeia mais barata, nesta altura a \$400 reis por arroba. Boaventura Passos (ilustre são-brasense) retratou a indústria corticeira são-brasense do seguinte modo: “ *Pelo que nesta freguesia se vê, a avaliar pelo que nesta terra se passa, não há no país hoje classe mais infeliz do que a dos operários corticeiros* ”⁵⁰. O poder da economia da população estava a desaparecer, foram só alguns industriais que conseguiram vencer a crise. Neste mesmo mês realizou-se uma reunião no governo civil de Faro, que envolvia um número significativo de agentes ligados ao ramo corticeiro, os operários exigiam trabalho durante seis dias por semana ao longo do ano, era tudo um conflito de interesses entre operários e industriais. Todas estas crises que estavam a afetar a

⁴⁸ PIRES, Paulo, 2010, p. 29-31

⁴⁹ Idem. p. 32-34

⁵⁰ Idem. p. 34-37

indústria corticeira no Algarve e muitos foram os operários que não conseguiram estabilizar a sua situação profissional na região algarvia e migraram para outras zonas do país (a margem sul do Tejo foi das zonas mais escolhidas). A reação do governo a todo este cenário seria a possível para um estado liberal. Ainda que a conjuntura fosse crítica a nível de inúmeras áreas económicas, havia uma clara consciência que a cortiça constituía a seguir às bebidas (vinho) e às conservas de peixe o principal produto de exportação nacional, cerca de 80% da cortiça que era exportada saía do país em bruto ou em prancha, destinada de preferência aos países do norte da Europa e à América. Face a esta situação o Estado procurou encetar medidas pontuais para tentar melhorar a situação da indústria corticeira, reduzindo as tarifas de transporte de cortiça pelo caminho-de-ferro. Em setembro de 1911 organizou-se a primeira greve nacional dos operários corticeiros que continuaram a exigir a proibição da exportação da cortiça em bruto⁵¹. No ano de 1913 verificou-se o auge da crise da indústria corticeira, porque o Estado nunca ‘deu ouvidos’ aos protestos que se fizeram ouvir no ano de 1910 daqueles que pediam os meios necessários para a modernização e aquisição de maquinaria⁵². Sabe-se que o número de unidades fabris foi decrescendo à medida até 1914. Por isso, entre outras medidas, o governo pelo Decreto nº 766 de 18 agosto de 1914 aprovou a criação de armazéns gerais que pudessem apoiar os industriais e manter a sua produção. Em 1917 os números oficiais falam no caso de S. Brás, de 23 fábricas onde trabalhavam 299 operários⁵³. O conjunto das unidades fabris existentes no já então concelho englobava: 16 fábricas que empregavam 270 operários e que preparavam a cortiça em fardos e quadros e fabricavam rolhas; 6 fábricas que empregavam 26 operários e moldavam a cortiça em pranchas e quadros; 1 fábrica que se dedicava à preparação em pranchas e produzia rolhas tendo 3 operários⁵⁴. Sendo a indústria de São Brás de Alportel dominante em indústria preparadora, esta tinha como principais tarefas a escolha de cortiça empilhada, a cozedura, eventualmente o corte de pranchas de cortiça amadia, a escolha por qualidades e calibres, a prensa e finalmente o enfardamento⁵⁵.

No ano de 1917, São Brás de Alportel era o concelho algarvio com o maior número de fábricas de cortiça, com uma média de 13 operários por unidade fabril⁵⁶. Todo este negócio da cortiça não foi só modificado pelas crises que surgiram ao longo dos anos, mas também pelo aparecimento de máquinas que foram substituindo a mão-de-obra. Um bom exemplo

⁵¹ Rede Bibliotecas, <http://republica-sba.webnode.com.pt/cronologia-local/>, data de visualização: (07/6/2015)

⁵² PIRES, Paulo, 2010, p. 28-72

⁵³ Idem. p. 47-52

⁵⁴ Idem. p. 26-47

⁵⁵ PESTANA, Miguel, TINOCO, Isabel, 2009, p. 18-19

⁵⁶ PIRES, Paulo, 2010, p. 48

foi o aparecimento da “ garlopa”, que tinha como principal objetivo fazer rolhas, e contribuiu para o desemprego. A rolha manual deu lugar a máquina, e as fábricas começaram a diminuir progressivamente o número de operários⁵⁷.

Entre os anos de 1919 a 1926 na localidade de São Brás de Alportel fecharam 43 fábricas/fabriquetas, e os proprietários foram desenvolver a indústria em locais melhor localizados. Muitos corticeiros são-brasenses tiveram que procurar outros locais para desenvolver a sua indústria e arranjar novos operários. Alhos Vedros, Lavradio, Montijo, Barreiro, Grândola, Ponte de Sor e Ermidas, foram alguns locais para os corticeiros são-brasenses se fixarem. Muitos outros saíram do país e foram para a Argentina, Brasil, França, Estados Unidos da América e Norte de África. Toda a população de São Brás de Alportel foi economicamente afetada. Os operários não tinham trabalho, e a agricultura que foi abandonada era de pouco rendimento. Apesar de todas as dificuldades algumas fábricas sobreviveram, mas ainda no ano de 1931 a indústria corticeira continuava sem organização. O objetivo dos corticeiros era vender e exportar. A cortiça era exportada em bruto, em prancha calibrada e classificada em grossa e fina. A 15 de agosto de 1938 a junta de freguesia convidou os corticeiros da vila para uma reunião, a fim de se nomear um representante para a Comissão de Fixação e Reclamação da Contribuição de Impostos. Com a 2ª Guerra Mundial, houve novamente a saída de alguns industriais corticeiros para outros países, e os operários acompanharam os seus patrões. Em 1949, segundo o jornal “A *Província*” no Montijo, a maior parte dos operários corticeiros eram algarvios. A partir do mês de outubro os corticeiros vinham fazer a temporada nas fábricas de Abrantes, Ponte de Sor, Alhos Vedros e Montijo. Em maio- junho regressavam ao Algarve com as suas magras economias. Os dias de férias eram ocupados no amanho dos alegretes e hortejos. Esta folga demorava pouco e abalavam logo para as tiradas e só regressavam em agosto. Entretanto, os alentejanos substituíram os algarvios e estes ficaram sem emprego durante vários anos⁵⁸.

O Algarve não sendo uma região com grande produção de cortiça, a partir da segunda metade do século XIX a matéria-prima vinha do Alentejo e da Catalunha. A região era colocada entre as primeiras em volumes transacionados, preparados e transformados. O assentamento da indústria de preparação de prancha em São Brás de Alportel e a transformação em Faro e Silves tem a ver em muito com a situação geográfica das localidades. Em Faro e Silves davam facilidades no escoamento da produção e no panorama da exportação. Faro era através da Ria Formosa em longas barcas e Silves pelo Rio Arade,

⁵⁷ Pires, Paulo, 2010, p. 28-52

⁵⁸ DUARTE, Afonso da Cunha, 2008, p. 349-350

por meio de pequenas barcas com destino a Portimão. Na localidade de São Brás de Alportel foi interesse da produção suberícola, situada no barrocal algarvio designada a produtora da melhor cortiça do mundo⁵⁹.



Fig 6- Industria corticeira

Fonte: Ricardo Guerreiro, 06-05-2015

Muita da cortiça ainda nos tempos de hoje vem do Alentejo, porque a Serra do Caldeirão onde está a maior parte dos sobreiros tem vindo a sofrer com a seca, a doença e os fogos, que estão a causar problemas no sector corticeiro. Os animais saíram da serra e esta não é fertilizada, a falta de limpeza da mata, a falta de poda e o abandono dos ramos e árvores mortas prejudicam a qualidade do arvoredo. Tudo este quadro tem contribuído para a doença se propagar pelos sobreiros. São Brás de Alportel precisava de um pólo tecnológico da cortiça para aperfeiçoar e dinamizar a indústria corticeira para a comercialização de novos produtos. A empresa Pelcor já deu o seu exemplo. Hoje apenas 5 Fábricas estão a laborar em São Brás de Alportel, uma de transformação e as restantes de preparação⁶⁰.

⁵⁹ MARQUES, Maria da Graça, 1999, p. 424 - 425

⁶⁰ DUARTE, Afonso da Cunha, 2008, p. 350

A Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão abrange os concelhos de São Brás de Alportel, Loulé e Tavira e congrega 310 produtores, dá assistência técnica elabora e acompanha projetos florestais e cinegéticos, de cartografia, de gestão florestal, de prevenção de incendio e desmatação, mediação de terrenos e construção de infra- estruturas. A reflorestação não anima os proprietários. Durante muito tempo o sobreiro não é rentável, porque o grande investimento inicial só começa a ser recompensado 50 a 60 anos. Os montados de sobro precisam de ser tratados por operários florestais, já foram abertos cursos de formação e não houve concorrentes, a cortiça não atrai a juventude⁶¹.

⁶¹DUARTE, Afonso da Cunha,2008, p. 351

3-As iniciativas da Câmara Municipal para a promoção da cortiça

A Rota da Cortiça da Câmara Municipal de São Brás de Alportel desenvolveu no ano 2010 a 2013 uma serie de atividades para dar divulgar e promover ao precioso produto que é a cortiça.

Ao longo destes 3 anos foram feitas atividades tais como: realização de 3 workshops para aprendizagem do fabrico artesanal de miniaturas de cortiça sob a supervisão de um artesão e mestre no trabalho da cortiça; participação da Rota da Cortiça na bolsa de turismo de Lisboa 2010; workshop de sabonetes de fabricação artesanais de cortiça (no âmbito de uma tradição operaria reavivada); campanha de reflorestação de sobreiros - Dia Mundial da Floresta (dia da árvore); Dia mundial do ambiente- atividade de Bird Watching no sobreiral (Barranco do Velho) em parceria com a Associação Almargem, Rota do Sobreiral em noites de lua cheia- caminhada noturna com especialistas em fauna e astronomia; realização de 2 Workshops no âmbito do dia do pai intitulada “ Produção de canecas em cortiça”; Workshop de bijutaria e acessórios em cortiça de forma a explorar o lado criativo e o conceito de reciclagem de cortiça; Participação da Associação Rota da Cortiça na Feira da Serra de São Brás de Alportel; Atividades em BTT e canoagem intitulada “ Entre o Barrocal e a Serra”; Participação na Feira Caça e Pesca do Algarve; Realização do evento no âmbito do 1º festival internacional de literatura do Algarve- Iniciativa de recital de poesia com acompanhamento musical com poeta e escritor Casimiro de Brito, atividade de caminhada técnica pelo sobreiral com geólogo – “ Geologia do sobreiral Algarvio” para abordagem da geologia de transição entre o barrocal e a serra e as alterações na fauna e flora decorrentes; atividade de Fim-de-semana de contacto com a natureza na herdade da Agolada de Cima em Coruche com palestras técnicas associadas à temática da cortiça e sobreiro; Iniciativa promocional lançamento do livro “ Natureza, Gastronomia e Lazer” – Maria Manuel Valagão; Participação Escola de Olhão e feira final de ano; participação da Rota da Cortiça no Algarve Shopping- Centro Comercial da Guia em Albufeira; realização de atividades lúdicas com cortiça- Férias escolares na biblioteca de São Brás de Alportel; palestra técnica “ Agir local, pensar global”- Produção e mercados na fileira das plantas aromáticas com a Doutora Cristina Caro- projeto do Monte do vento em Mértola; Workshop de bijutaria e acessórios em cortiça com a formadora Sónia Martins, Centro de Artes e Ofícios de São Brás de Alportel; Workshop de plantas medicinais e aromáticas do sobreiral e alimentação

saudável- Centro de artes e Ofícios de São Brás de Alportel- Fernanda Botelho; Associação Rota da Cortiça em parceria com a APEA (Associação Portuguesa de Engenharia do Ambiente- Núcleo Regional do Sul) realizou percurso pedestre e tertúlia com especialistas convidados, cuja temática recaiu sobre o “ Papel da investigação no declínio do sobreiro- perspectiva de futuro”, Workshop de doçaria regional com decorações em cortiça na fabrica de doçaria regional Ti Marquinhas em São Brás de Alportel, Participação em atividades em colaboração com a Câmara Municipal na comemoração do dia da arvore (plantação de árvores em 5 escolas do concelho); Presença em encontro internacional de projetos turísticos e representantes de entidades ligadas à promoção da cortiça e fileira associada, para apresentação da Rota da Cortiça com organização da Associação Portuguesa de Cortiça- Portalegre; Presença na Fitur Madrid (Bolsa Turismo Madrid- reuniões bilaterais); Presença da Rota da Cortiça em ação promocional- Hotel Four Seasons; Presença da Rota da Cortiça com stand e realização de workshops para adultos e crianças na Feira Internacional da Cortiça em Portel; Presença da Rota da Cortiça com stand na Feira da Serra de São Brás de Alportel e realização de workshops para adultos e crianças, Presença da Rota da Cortiça em stand no dia aberto para visitantes e turistas na Quinta dos Vales- Lagoa; Presença Rota da Cortiça no centro comercial Algarve shopping em Albufeira com artesãos local; Presença Rota da Cortiça na exposição do Centro de investigação das ciências costeiras da Unesco, Faro; Presença Rota da Cortiça por duas vezes no mercado municipal de São Brás de Alportel com provas de vinhos e material promocional; Receção de várias equipas de filmagens para a produção de documentários, tal como a Francisco Manso produções; Workshop de plantas medicinais- potencialidades, aplicações e produtos (produção de pomadas); Receção de 180 pessoas com doçaria regional e licores do voo inaugural da ligação Basel-Faro (Aeroporto de Faro); Workshop de máscaras de carnaval com aplicações de cortiça; A rota da cortiça participou em algumas iniciativas na vertente cultural, no âmbito da investigação do património industrial; Participação na jornada de reflexão: “ Museu da cortiça fábrica do inglês, em silves: Que futuro? Participação no 1º congresso sobre património industrial, Vila do Conde; Produção de mobiliário em cortiça para feiras e apoio aos artesãos locais; Workshop de cestaria em cortiça; Workshop de cosmética natural- Produção de sabonete, creme corporal, balsamo labial, pasta de dentes e desodorizante; Workshop de molduras e carteiras em cortiça.

Estas foram as inúmeras atividades em que participou a Câmara Municipal em conjunto com a Rota da cortiça⁶².



Fig 7- Rota da Cortiça em São Brás de Alportel

Fonte:<http://planetagarve.com/2013/12/19/workshop-de-bijuteria-em-cortica-producao-de-pulseiras-colares-e-aneis-21-de-dezembro/>, Data de visualização: 02-04-2015

⁶² Informação retirada com base num diálogo com trabalhadores da Rota da Cortiça de São Brás de Alportel, 02-04-2015

Capítulo III

O património industrial imóvel/móvel existente em São Brás de Alportel

Para a realização de um projeto de valorização do património industrial da cortiça em São Brás de Alportel foi necessário realizar o inventário do património imóvel/móvel que ainda hoje existe nesta vila.

São Brás de Alportel como já fiz referência no Capítulo II, quando abordo a evolução da indústria corticeira, foi e é uma localidade que os industriais corticeiros escolheram para fazer os seus negócios e a exploração desta mesma indústria. Nem sempre tudo correu bem como se sabe, e arrastou-se uma grande crise neste sector até aos tempos de hoje.

Com toda a história da indústria corticeira que conta São Brás de Alportel, procurei saber em que estado se encontrava este património industrial. Para isso elaborei com base no Kit 003 do património Industrial duas fichas de inventário, uma para o património imóvel e outra para o património móvel. Na ficha do património imóvel considerei os seguintes aspetos:

Inventário Património Industrial

Imóvel

Nº

Categoria	
Tipo	
Designação	
Localização	Distrito: Concelho: Freguesia:
Acesso	
Proteção	
Época de Construção	
Imagens	
Enquadramento	
Descrição	
Arquiteto/Construtor/Autor	
Cronologia	
Tipologia	
Utilização Inicial	
Utilização Atual	
Proprietário	
Utente	
Conservação Geral	
Documentação	
Observações	
Autor	
Data	
Tipo de Registo	
Ficha de Património Móvel associada	

Na ficha do património móvel considere os seguintes aspetos:

Inventário Património Industrial

Móvel

Nº

Categoria	
Tipo	
Designação	
Localização	Distrito: Concelho: Freguesia:
Acesso	
Proteção	
Época de Construção	
Imagens	
Enquadramento	
Descrição	
Arquiteto/Construtor/Autor	
Cronologia	
Tipologia	
Bens Móveis	
Utilização Inicial	
Utilização Atual	
Proprietário	
Utente	
Conservação Geral	
Documentação	
Observações	
Autor	
Data	
Tipo de Registo	
Ficha de Património Imóvel associado	

Tanto as fichas de inventário do património imóvel como as fichas de inventário do património móvel foram numeradas de modo a estabelecer as relações que existia entre elas, ou seja, conhecer a que fábrica correspondem as máquinas e ferramentas inventariadas, O inventário incidiu sobre todas as fichas ainda existentes na vila de São Brás de Alportel, ou seja, 20 fábricas e as fichas foram numeradas em função da ordem em que foi feita a visita a cada uma delas. (ver anexos nº 1 e nº2). Ao longo de 3 meses em que realizei o trabalho de inventário verifiquei um cenário que já estava, de facto, à espera, a realidade de que muitas destas fábricas já não laborarem. Através deste trabalho de campo consegui inventariar fábricas desde o ano 1900 até 2000, e contabilizei 3 fábricas (15 %) correspondentes a 1914, ano com maior número de fábricas construídas (Gráfico 1).

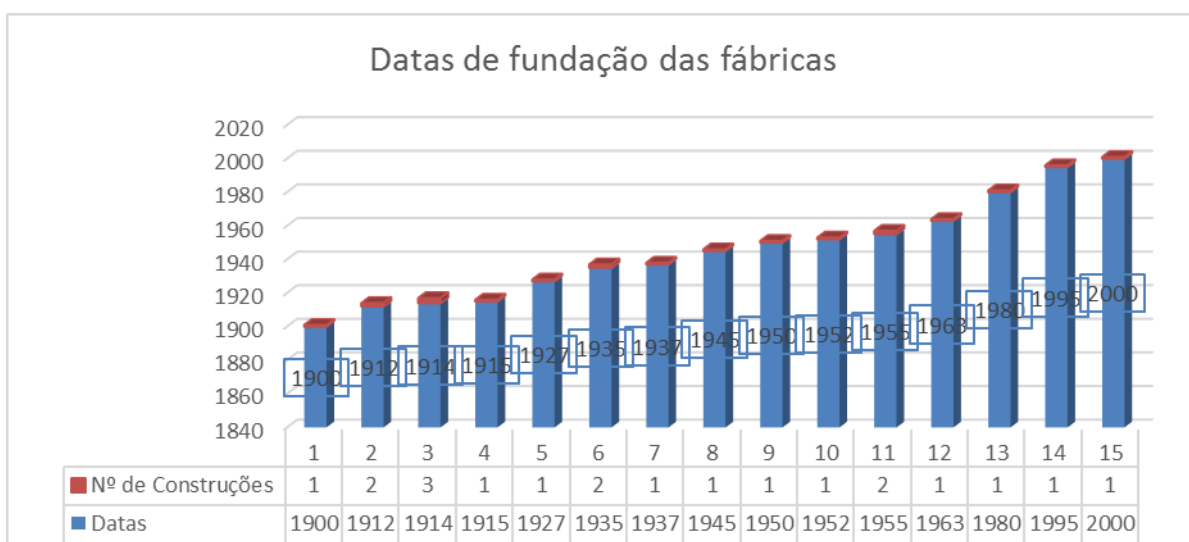


Gráfico 1- Datas de fundação das fábricas

Através deste inventário, consegui observar que houve períodos em que se verificou a fundação de um maior número de fábricas, como aconteceu em 1912-1915, período em que se fundaram 6 novas fábricas de cortiça.

A indústria corticeira em São Brás de Alportel nunca foi apetrechada com maquinaria industrial, e baseou-se quase sempre no trabalho manual com recurso a ferramentas não muito complexas, e devido a este fator na vila de São Brás de Alportel, como se pode

observar (Gráfico 2) a indústria foi sempre predominante uma indústria preparadora. Das fábricas inventariados 17 fábricas (85 %) eram fábricas preparadoras de cortiça, contra uma reduzida percentagem de 15 % correspondente a 3 fábricas de preparação/ transformação.

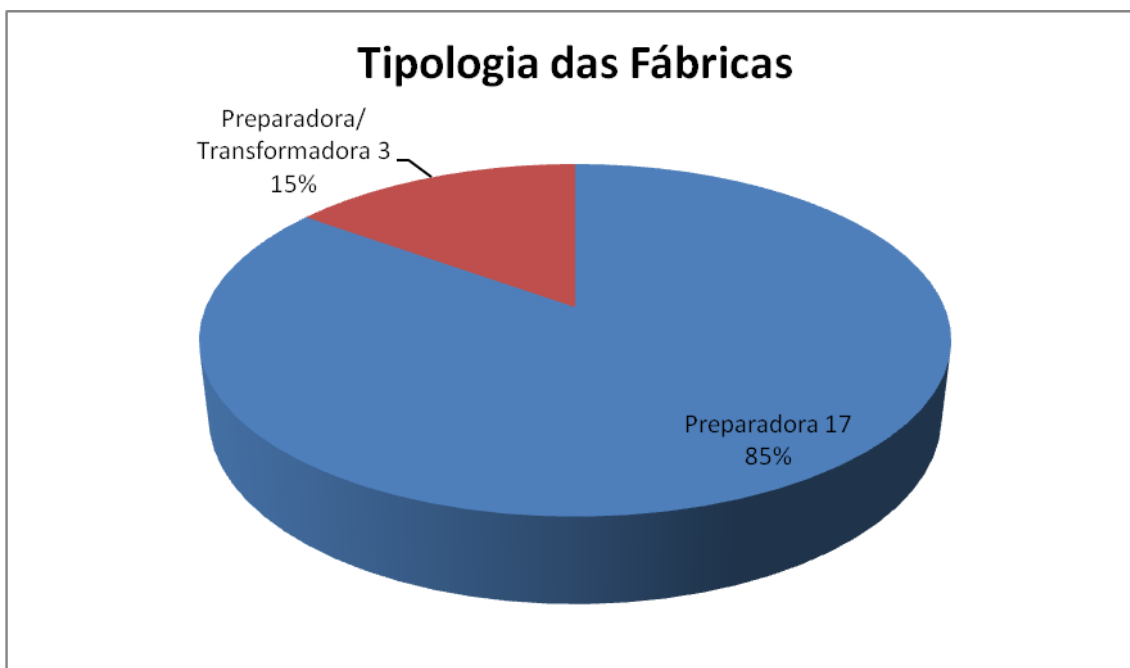


Gráfico 2- Tipologia das fábricas

É interessante quando se visita uma das 17 fábricas onde ainda se pratica a arte do trabalhar a cortiça verificar que o trabalho ainda é feito com a mesma técnica do antigamente, e que ainda perdura este saber fazer, que tanto caracteriza São Brás de Alportel e o povo são-brasense.

Foi com enorme tristeza que observei um total de 15 fábricas, correspondendo a 75% desativas e 5 ativas num total de 25% (Gráfico 3).



Gráfico 3 – Fábricas em laboração

Infelizmente este quadro é real e São Brás de Alportel que foi marcada pela identidade corticeira ao longo dos tempos, cada vez mais tem a tendência a ver desaparecer esta indústria devido a vários fatores como a existência de indústrias corticeiras localizadas noutras zonas do país mais industrializadas e laborando em maior quantidade o produto transformado para ser exportado. As grandes indústrias combatem as indústrias mais pequenas, neste caso com menos tecnologias e por último o montado da Serra do Caldeirão está a ser atingido por uma peste, contribuindo para que a cortiça não seja retirada do sobreiro.

Ao longo de toda esta caminhada por várias fábricas, consegui também inventariar não só o património imóvel como o móvel.

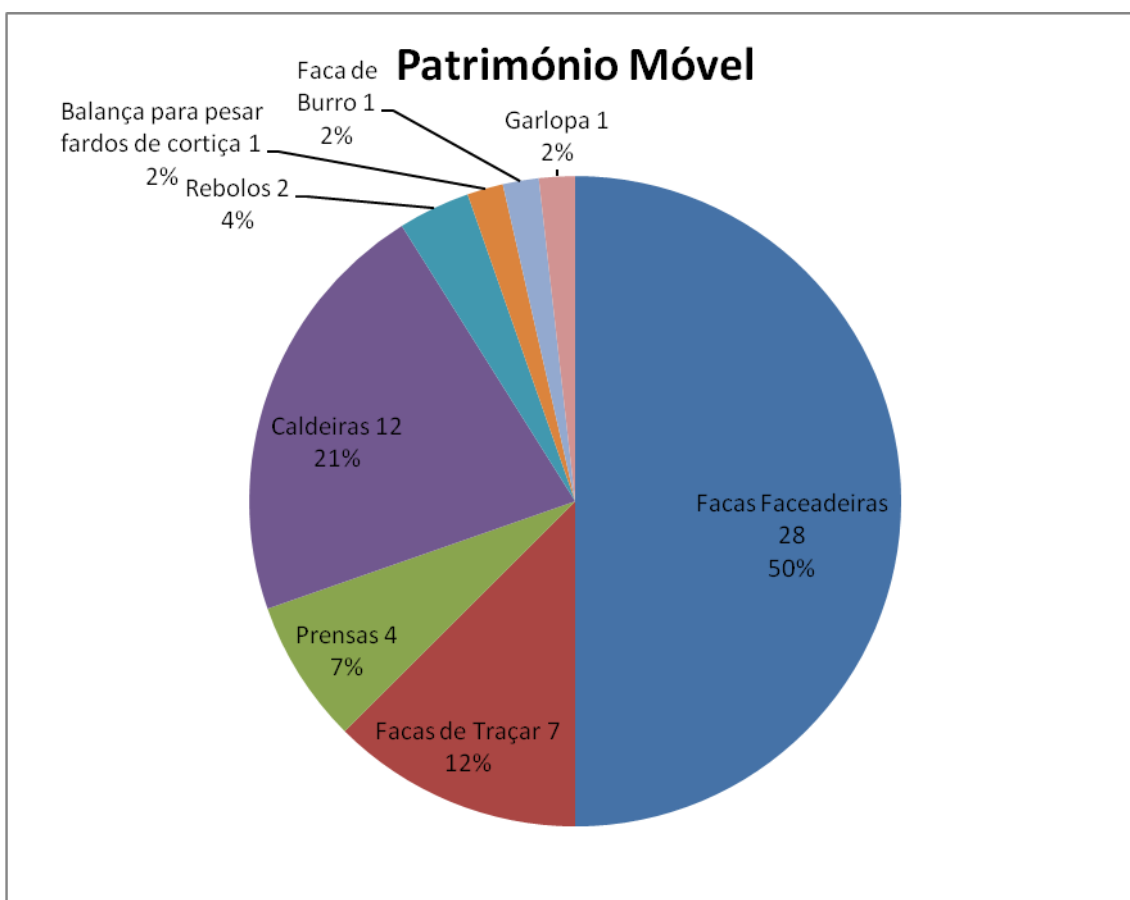


Gráfico 4- Património móvel

Observei que existem corticeiros que ainda guardam como recordação algumas ferramentas de trabalho o que demonstra bem a ligação que mantêm cm esta indústria e com a memória do seu trabalho. Entre estes objetos de trabalho (Gráfico 4) o mais que existe me maior numero é a faca faceadeira, ferramenta de que no total inventariei 28 exemplares correspondendo a 50%, em segundo lugar consegui inventariar 12 caldeiras que correspondem a 21%, 7 facas de traçar- 12%, prensas 4- 7%. Em menor número encontrei rebolos, balança de pesagem de fardos de cortiça, prensas, faca de burro e garlopa.

O inventário permitiu-me também verificar que as maiorias das fábricas, num total de 4 localizam-se no local denominado Alportel que fica localizado na parte norte da vila. Foi, aliás nesta zona que se iniciou a indústria da cortiça desta vila (Ver anexo nº3) – mapa com localização.

No interior da vila existe fiz o inventário de duas fábricas, Fábrica João Viegas Louro Júnior e Fábrica Vergílio Dias Gonçalves que se encontram em muito mau estado sendo apenas possível identificar os vestígios das caldeiras. No entanto a maioria das outras fábricas estão situadas em zonas habitacionais, nos arredores da vila de São Brás de Alportel.



Fig 8- Fábrica João Viegas Louro, 24-06-2015



Fig 9- Fábrica Vergílio Dias Gonçalves, 24-06-2015

Capítulo IV

Proposta de criação de um Centro Interpretativo em São Brás de Alportel

São Brás de Alportel é caracterizada por ser uma vila que albergou inúmeras fábricas da cortiça tendo esta indústria mais de um século de história que ainda caracteriza esta vila situada no barrocal algarvio.

Ao longo da história, e como já fiz referência nos capítulos anteriores, verifica-se que houve um tempo de grande prosperidade na indústria corticeira em São Brás de Alportel, ocorrendo períodos de grande dificuldade económica, durante os quais se fizeram sentir protestos dos industriais e operários que fizeram greves. A situação de crise da indústria corticeira ainda perdura até aos nossos tempos. Esta crise da indústria corticeira começou e parece não ter um fim.

No decorrer do estágio realizado na Câmara Municipal de São Brás de Alportel, observei que grande parte do património industrial corticeiro está abandonado e algum deste património encontra-se em ruína. Uma indústria que teve bastantes lucros, e agora está reduzida a 5 fábricas, passando estas por tempos muito difíceis. Parece que a indústria corticeira não tem sido uma atividade suficientemente protegida pelos nossos governantes, que têm apoiado mais outros sectores como o turismo. Junta-se a tudo isto a degradação dos montados, e os incêndios que tem vindo a devastar tantos sobreiros, a falta de gente nova fixa na localidade, a falta de formação aplicada ao sector, num todo a falta das condições necessárias para o sucesso. Observando todo este cenário dramático, tenho como objetivo apresentar uma proposta para revalorizar este património industrial, com a construção de um Centro Interpretativo, com vista a salvaguardar todo o património industrial corticeiro que ainda se encontra nesta localidade bem como todo o património móvel, e com isto propor para que este património móvel/imóvel seja todo ele classificado.

São Brás de Alportel tendo como identidade a cortiça e a sua indústria, era uma mais-valia para este concelho disponibilizar de um Centro Interpretativo da cortiça, com vista a divulgar a história da indústria corticeira desta vila, para que turismo estrangeiro e nacional visitem este património com mais de um século de história.

Todos os inventários realizados serviram para contabilizar o número de património imóvel/móvel que ainda se encontra presente, com vista a ser um dia recuperado (património móvel) e fazer parte do centro de exposições presente no Centro Interpretativo. O património imóvel era importante que fosse recuperado com vista à realização de visitas a estes locais onde era preparada e também transformada toda a cortiça. Este Centro Interpretativo iria ficar no centro histórico da vila de São Brás de Alportel. Este centro seria uma mais-valia, com o propósito de fazer referência a toda a história da indústria corticeira presente nesta localidade, englobando operários e corticeiros que contribuíram para que indústria tivesse um grande impacto a nível regional e nacional. O Centro Interpretativo iria ocupar uma das oficinas da Câmara Municipal, que irá ser deslocada em breve para outro local.

1. Centro Interpretativo

1-Exposição/ Entrada / 2- Recepção loja

A entrada é um espaço de grande importância num Centro Interpretativo, tem que ser acolhedora e convidativa, dando logo acesso direto à parte destinada ao público. A portaria tem como especial responsabilidade de acolher, fiscalizar o controlo das visitas. A entrada iria dispor de um local para a guarda de valores dos visitantes: mochilas, malas, guarda-chuvas etc. À entrada também se distribuía folders explicativos acerca do Centro Interpretativo

2- Recepção/ Loja

A entrada do Centro Interpretativo iria obrigar a uma recepção com atendimento e o controle dos visitantes. A loja iria dispor de produtos feitos em cortiça, como malas, chapéus, utensílios de cozinha, peças de vestuário entre outros, bem como lembranças da vila de São Brás de Alportel. Também iria ter ao dispor produtos da serra algarvia, como o famoso mel e aguardentes de medronho.

Áreas de exposição: 3- Sala da história da cortiça/ 4- Sala de exposição de máquinas

As exposições no Centro Interpretativo iriam constituir um instrumento chave para permitir o acesso público perceber a região e as razões do desenvolvimento da indústria da cortiça em São Brás de Alportel. As formas de apresentar a informação devem ser inovadoras, inspiradoras e conduzir o visitante à reflexão, proporcionando ótimos momentos de prazer e aprendizagem. No entanto, seria necessário um cuidadoso panejamento,

incluindo a questão dos custos envolvidos, para que a exposição seja um sucesso. Estas duas salas eram destinadas à apresentação da História da cortiça e exposição de máquinas e ferramentas antigas da indústria corticeira de São Brás de Alportel. Estas salas tinham que ser de preferência contínuas e com poucos vãos (portas e janelas) para que haja um melhor aproveitamento e distribuição de peças a nível da circulação a ser adotada que iria ser na horizontal, porque as salas estão localizadas no mesmo andar.

Este local tinha que primar pela sua limpeza, boa iluminação, ventilação e condições de segurança contra roubo e incêndio, exigências que tem que ser tratadas com seriedade. Para a iluminação o mais aconselhado seria uso de cortinas ou precianas que iriam permitir a regular a intensidade luminosa. A nível da iluminação artificial (incandescente ou fluorescente) deve ser indireta e a própria distribuição das luminárias deve ser feita de modo a permitir uma iluminação homogeneia em todo o espaço eliminando cantos escuros. As salas deveriam apresentar uma boa ventilação de modo a evitar correntes de ar.

3 -Sala da História da Cortiça

Esta sala seria destinada a contar a História da Indústria Corticeira em Portugal e em particular sobre a indústria corticeira de São Brás de Alportel. Esta sala iria ter fotografias da indústria corticeira seguidas de texto que explicasse a História da Indústria. As fotografias apresentadas ao longo desta exposição iriam contar com a identificação foto por foto, indicando o autor e local, data e número, que cada fotografia iria contar por ordem de montagem. Esta montagem iria seguir uma linha temática. Outros critérios tinham que ser tidos em conta, é que as fotografias tinham que ser afixadas sob “passe- partout” ou “borda francesa” para que estas não se colem ao vidro onde estão inseridas. É importante, e neste caso usar iluminação indireta para que a luz não incida diretamente na fotografia, causando reflexo e dificuldade ao ser visualizada, e ao longo da montagem de fotografias manter a mesma distância entre as fotos, onde seriam alinhadas pela base.

4-Sala de Exposição de Máquinas

Os objetos colocados nesta sala de exposições iriam ser máquinas antigas de trabalhar a cortiça e algumas ferramentas de corte utilizadas pelos corticeiros são-brasenses. As peças

expostas, a maioria das quais seriam de pequenas dimensões, seriam expostas em vitrinas, com a respetiva etiqueta informativa, para o visitante saber o que está a visualizar de modo a facilitar a compreensão do visitante. Estas peças iriam seguir uma sequência de números. Para as peças com maior dimensão, neste caso máquinas, seriam expostas livremente com a respetiva identificação por número e nome da máquina.

5-Sala Polivalente/ Artesãos

Esta sala iria contar com alguns mestres da cortiça, como por exemplo ex. corticeiros. Os visitantes iriam aprofundar os seus conhecimentos ao visualizar o corticeiro a mostrar a arte do saber fazer. Este iria dar um workshop de técnicas e de todo o processo que a cortiça sofre até ser vendida/transformada. Com estes workshops os visitantes iriam ter um maior contato com aquilo que foi a realidade da indústria corticeira e a situação em que encontra, derivado da evolução industrial com outros tipos de máquinas.

6- Auditório

Este teria como finalidade palestras e debates sobre a indústria corticeira. Este local também teria como objetivo a apresentação de cursos dados por ex. corticeiros e entendidos sobre a indústria corticeira, para as pessoas que estivessem interessadas esta temática. Este local também iria estar equipado com uma boa iluminação e com o equipamento informático que permitisse o fácil acesso para mais informações e apresentações de palestras. Este auditório também iria servir para os visitantes visualizarem alguns filmes sobre a indústria corticeira.

7 e 8 (Circulação 1 e 2)

Os corredores de acesso às várias salas iriam ter em conta um espaço largo que permitisse aos visitantes circularem à vontade. Estes dois sectores de circulação iriam ter especial atenção para as pessoas idosas e deficientes, tendo rampas nos locais de escadaria ou de difícil acesso. Também iria ter corrimões para que os visitantes com difícil mobilidade se apoiassem e facilitasse a sua circulação.

9- Deposito

O depósito teria como função guardar peças de exposição, gerido por um curador, que tem a função de manter organizada e em bom estado a coleção nos depósitos, define conceitualmente e organiza as exposições ao público, e supervisiona as atividades de documentação e pesquisa teórica sobre a coleção a fim de produzir novo conhecimento. Este também tem um papel decisivo nos processos de aquisição e descarte das peças.

10- Gabinete

Este local é destinado ao diretor do Centro Interpretativo, onde este é o seu local de trabalho. Este gabinete seria composto por aparelhos eletrónicos e por dispositivos que se precisa para levar a cabo tarefas e atividades de escritório, como por exemplo, computadores, telefone, fax, scanner, secretarias, cadeiras, estes são alguns dos elementos que fariam parte do material deste gabinete.

Este gabinete servia também para atendimento ao público caso necessário, ou para reuniões.

11- Sala de Convívio

Esta sala, como o próprio nome nos indica é uma sala destinada à convivência, onde os visitantes podem ler, ver televisão, entre outras atividades.

12/14- Arrumos 1 e 2

Os arrumos serviam para guardar material de limpeza, ou ferramentas para a boa higiene do Centro Interpretativo.

13-Bar

Este espaço estava destinado a todos os seus visitantes para que assim disfrutassem de um momento de lazer onde iriam ter ao seu dispor doces regionais tipicamente algarvios, bem como as suas aguardentes e o mel

15/16/17- Instalações sanitárias para funcionários/ duche/ Homens / Mulheres

As instalações sanitárias para funcionários é um compartimento do edifício reservado para quem trabalha no Centro Interpretativo com a particularidade de dispor de duche. Este compartimento serve para os cuidados de higiene pessoal.

Este edifício também ia ter compartimentos sanitários para homem e mulher.

18-Instalações Sanitárias mobilidade reduzida

Como é referido no Decreto de Lei nº 163/2006, de 8 de agosto (regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público) tem que ter instalações que se reveste de muita especificidade, que não se resume a uma área maior e á existência de barras de apoio junto à sanita. A porta não seria aberta para o interior do compartimento, o lavatório não era apoiado sobre uma coluna, a torneira tem que ser apropriada. Este local iria disponibilizar todas as condições necessárias para que as pessoas de mobilidade reduzida tivessem o maior conforto possível.

19- Circulação 3

Este corredor é o principal de acesso ao WC, este tinha que ter espaço suficiente para as pessoas se deslocarem para os seus respetivos compartimentos, com a finalidade de uma fácil acessibilidade.

Serviços Educativos

Tinha como objetivo um programa educativo variado dirigido a escolas, grupos de visitantes, visitantes individuais e famílias. Havia uma maior ligação ao público, nomeadamente do escolar, porque é importante os jovens terem o conhecimento da localidade do sítio que os rodeia. Através das várias temáticas, era importante o desenvolvimento de atividades programadas, de carácter pedagógico e lúdicas dirigidas a públicos diversos. Em princípio, a exposição das coleções tinha que ter uma rede de significações coerente; no entanto, nem todo o público descodifica as múltiplas leituras que um objeto pode ter. Desta forma a existência de um serviço especializado servia de elo de ligação entre a exposição e o público visitante. Este iria servir a comunidade escolar como já referi anteriormente, 3ª idade, os deficientes e a população. Para cada grupo exigia-se um discurso diferente.

Conclusão

O principal objetivo deste relatório de estágio é apresentar o trabalho de estudo e inventariação do património corticeiro de São Brás de Alportel, que realizei ao longo dos 5 meses em que decorreu o meu estágio.

Para poder contextualizar o caso particular da indústria da cortiça em São Brás de Alportel procurei fazer um breve estudo sobre a história da indústria da cortiça em Portugal. Percebi que ao longo dos tempos a cortiça teve, e ainda tem, uma grande importância para o nosso país, pois a indústria corticeira soube cruzar o saber ancestral com os modernos conhecimentos e tecnologias. Hoje Portugal lidera o mercado mundial de matéria-prima produzindo mais de 50% da cortiça mundial. Produto este que é tão procurado pelas suas características (elasticidade, impermeável a líquidos e gases, excelente capacidade de isolamento térmico e acústico, retardador natural de fogo, elevada resistência ao atrito, leve, hipoalergénica).

A região do sul de Portugal é a zona com maior abundância de sobreiros, devido ao clima e aos próprios terrenos, e não foi por acaso que na 2ª metade do século XIX encontravam-se localizadas no sul de Portugal as principais fábricas de cortiça.

Como em toda a história que lemos e ouvimos falar, toda ela é repleta de bons momentos e maus momentos, e a indústria corticeira não foi exceção à regra. No século XIX foi grande a preocupação com a concorrência estrangeira que tinha mais condições para transformar a cortiça. Ao longo do tempo para responder à concorrência exterior, verificou-se uma alteração da fabricação manual para a mecânica, mas este processo foi muito lento em Portugal.

São Brás de Alportel situada no barrocal algarvio, era uma vila repleta de fabriquetas/fábricas, diz-se que rondavam por volta de 100 destas fábricas em 1900, mas com o passar dos anos ficaram abandonadas, porque nunca houve força para que este património fosse recuperado, e agora grande parte desta indústria está em ruína e hoje apenas só persistem 5 fábricas a laborar, espero eu por muitos anos!

Ao observar todo este cenário triste, para contribuir para a preservação da memória e da história da indústria da cortiça em São Brás de Alportel proponho com base no trabalho de inventário que fiz a criação de um Centro Interpretativo que dê a conhecer aos habitantes locais e aos visitantes nacionais e estrangeiros o património industrial corticeiro que existiu

e ainda existe nesta vila. Através deste Centro Interpretativo este procurar-se-á dar à população são-brasense um maior conhecimento sobre a história da indústria corticeira da sua vila e como ela está atualmente. Espero que este seja centro se torne uma realidade na vila de São Brás de Alportel, e possa vir a ser um contributo importante para que o nosso património são-brasense seja preservado, classificado (quando se isso se justificar), valorizado e divulgado.

Bibliografia

- CAETANO, Paulo.Vasco, Rui. (2005). *Da Terra Doze Viagens pelos Caminhos da Tradição*. Lisboa: Má Criação
- Carta de Nizhny Tagil sobre património industrial. (2003). *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH)*. Tradução da responsabilidade da APPI – Associação Portuguesa para o Património Industrial, Nizhny Tagil, 1-14
- Centro Tecnológico da Cortiça. (2001). *Manual de Prevenção*. Lisboa: IDICT- Instituto de Desenvolvimento e Inspeção das Condições de trabalho
- CINCORK. (1991). *Cortiça*. Lisboa: Centro de Formação Profissional da Indústria da Cortiça
- CORREIA, Sandra. CORREIA, César. (1996). *De Geração em Geração*. São Brás de Alportel: Nova Cortiça
- DUARTE, Afonso da Cunha. (2008). *Terras de Alportel*. volume II, São Brás de Alportel: Casa da Cultura António Bentes
- Ecomuseu Municipal do Seixal. (2002). *Água, Fogo, Ar, Cortiça*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal
- ERENA, Associação de Defesa do Património de Mértola, Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão, In Loco, Centro de Ecologia Aplicada Baeta Neves. (2006). *Gestão e Conservação de Sobreiros Serranos: O caso da Serra do Caldeirão*. Algarve: ADPM
- FORTES, Manuel Amaral. ROSA, Maria Emília. PEREIRA, Helena. (2004). *A Cortiça*. Lisboa: IST Press Instituto Superior Técnico Lisboa
- GIL, Luís. (2005). *Cortiça da Produção à Aplicação*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal
- GODINHO, António Maria. (1941). *Industrialização*. nº3. Lisboa: Edmundo de Oliveira, Junta Nacional da Cortiça

GUEDES, Armando Marques. (1942). *A Industrialização da Produção Corticeira Portuguesa*, nº 40. Lisboa: Edmundo de Oliveira, Junta Nacional da Cortiça

GUERREIRO, M. Gomes. (1998). *O Algarve- Região a Unidade na Diversidade O Caso do Montado do Sobro*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel

GUERREIRO, Manuel.(2014). *Memórias das Terras de Alportel*. São Brás de Alportel: Edição do Autor

GUERREIRO, Marlene. (2006). *São Brás de Alportel 90 anos de Memórias*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel

GUILLICKSON, Gay L. (s.d). *Protoindustrialization*. Canadá: University of Ottawa

GUIMARÃES, Paulo. (2006). *Elites e Indústria no Alentejo (1890- 1960), Estudo sobre o comportamento economico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Edições Colibri CIDEHUD

In Loco São Brás de Alportel. (2004). *Rota da Cortiça*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel

LOURO, Estanco. (1996). *O livro de Alportel*. Monografia. São Brás de Alportel: 3ª edição Câmara Municipal de São Brás de Alportel

MACHADO, José Oliveira. (1984). *A Indústria Corticeira no Algarve*. Faro: Ministério da Indústria e Energia Delegação Regional do Algarve

Manual Operacional Corcação. (2015). *Programa para a Promoção da Competitividade da Indústria Portuguesa da Cortiça*, St.ª Mª de Lamas: Manual Operacional Corcação

MARQUES, Maria da Graça.(1999). *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Edições Colibri

MATOS, Ana Cardoso.(1991) Separata da Revista Análise Social. *A Indústria no Distrito de Évora, 1836-90*. vol.XXVI. Évora: Universidade de Évora, 112-113, 561-581

MATTARELLO, Stefania. (2010). *Mulheres Corticeiras*. Lisboa: Euronatura

MENDES, José M. Amado. (2012) *O Património Industrial na Museologia Contemporânea: O Caso Português*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1-16

- MENDES, José M. Amado. (2000). *Uma Nova Perspectiva Sobre O Património Cultural: Preservação e Requalificação de Instalações Industriais*. Coimbra: Gestão e Desenvolvimento 9
- MORUNO, Francisco M. Parejo e FAISCA, Carlos. M. (2013). *O Mercado Florestal da Cortiça no Sudoeste Ibérico, 1833- 1914*. Badajoz: Contratos Comerciais e Agentes Económicos, para XIV Congresso de História Agraria
- Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês. (1999). *Exposição Permanente Estudos de Catálogo*. Silves: Fábrica do Inglês
- PEREDA, Ignacio Garcia. (2009). *Junta Nacional de Cortiça (1936- 1972)*. Lisboa: Euronatura 02
- PEREIRA, Gonçalves. (1941). *Economia Corticeira- Da importância da cortiça para a economia nacional*. nº33. Lisboa: Edmundo de Oliveira, Junta Nacional da Cortiça
- PEREIRA, Gonçalves. (1941). *Economia Corticeira- Da importância da cortiça para a economia nacional*. nº34. Lisboa: Edmundo de Oliveira, Junta Nacional da Cortiça
- PESTANA, Miguel, Tinoco, Isabel. (2009). *A Indústria e o Comercio de Cortiça em Portugal durante o sec XX*. Oeiras: Instituto Nacional de Investigação Agrária/ IRNB, IP. AV. da República
- PIRES, Paulo. (2010). *Estudos sobre a I Republica em S. Brás e Faro*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel
- POPH. (2012). *Plano de Soluções Integrados de Acessibilidade para todos- Município de São Brás de Alportel*. Volume I- Memória. Porto:POPH
- RODRIGUES, Manuel Ferreira. MENDES, José M. Amado.(1999). *História da Industria Portuguesa da Idade Media aos Nossos Dias*. Mem Martins: Publicações Europa – América
- ROSAS, Fernando. Brito, Brandão. (2001). *Dicionário de História do Estado Novo*, vol I. Lisboa: Bertrand Editora
- SAMPAIO, Jaime Salazar. (2012). *Textos de Economia Corticeira 1951- 1988*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança

SANTOS, Silv. Brito. (1995). *ABC do Podador de Sobreiros e do Tirador de Cortiça*. Lisboa: Edição do Instituto Florestal Dia Mundial da Floresta

SANTOS, Carlos Oliveira. (2002). *O Livro da Cortiça*. Silves: Edição especial para o Museu da Cortiça Fábrica do Inglês Silves

SILVA, Ronaldo A. Rodrigues da. (2009). Revista Fórum Património 2009. *Arqueologia Industrial e Património Industrial: Novo Enfoque à Memória Cultural*, Minas Gerais: Universidade Federal Minas Gerais, 1-24

VIEIRA, João, Lacerda, Manuel. (2010). *KITS – PATRIMÓNIO / KIT03*. versão 1.1 documento definitivo. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Nova de Lisboa

VILLEMOT, Bénédicte. (2001). *Le traitement des collections industrielles et techniques de la connaissance à la diffusion*, la letter de l'OCIM, nº 73

Fontes

Arquivo Municipal de São Brás de Alportel [AMSBA]

Acta nº1,1916-1924, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 2, 1924-1926, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 8, 1927-1928, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 25, 26 Maio de 1964, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 26, 12 de Abril de 1966, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 27, 28 de Fevereiro de 1967, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 28, 9 de Janeiro de 1968, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 29, 14 de Janeiro de 1969, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº30, 30 de Dezembro de 1969, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 31, 24 de Março de 1971, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 32, 9 de Junho de 1972, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 33, 14 de Setembro de 1973, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Acta nº 34, 13 de Setembro de 1974, Câmara Municipal de São Brás de Alportel

Online

Associação Portuguesa da Cortiça,(2015), <http://www.apcor.pt/artigo/historia-cortica.htm>,
(Acesso em 04-03-2015)

Câmara Municipal do Barreiro- Divisão de Promoção Cultural,(2010)
<https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/lutas-operarias-na-cuf-barreiro/>,(Acesso em 13-03-2015)

LEITE, José, (2011), <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/05/fabrica-robinson-de-cortica.html>, (Acesso em 13-03-2015)

Memória e Anarquismo ao Sul,(2013)
<https://revistaalambique.wordpress.com/2013/01/15/sines-a-memoria-anarco-sindicalista-i/>,(Acesso em 13-03-2015)

Rede de Bibliotecas de S. Brás de Alportel,(2009),<http://republica-sba.webnode.com.pt/cronologia-local/>,(Acesso em 07-06-2015)

Rota da Cortiça,(2013),<http://planetalarve.com/2013/12/19/workshop-de-bijuteria-em-cortica-producao-de-pulseiras-colares-e-aneis-21-de-dezembro/>,(Acesso em 02-04-2015)

RUSCHEL,Rogério,(2014),<http://invinoviajas.blogspot.pt/2014/08/fique-esperto-saiba-como-rolha-de.html>,(Acesso em 13-03-2015)

s.a,(2014)
http://www.imatico.lu/uk/Country%20House_Portugal_algarve_Sao%20Bras%20de%20Alportel_LDO6429.htm,(Acesso em 02-04-2015)

Anexos

Anexos

Índice

Anexo 1 (Inventários Património Industrial Imóvel)

• Fábrica Horácio da Conceição Neves, Lda.....	I
• Fábrica Costa Cork.....	VII
• Fábrica Manuel Loureço Caiado.....	XII
• Fábrica José Vargues.....	XXII
• Fábrica Sebastião Carolino.....	XXVI
• Fábrica José de Jesus Galego & Jesus Aleix e Sousa, Lda.....	XXXIV
• Fábrica Vergílio Dias Gonçalves.....	XL
• Fábrica Francisco Martins Carvalho.....	XLIV
• Fábrica Rafael de Brito Galego.....	L
• Fábrica Manuel Francisco Andrade.....	LIV
• Fábrica Sotero Coelho Sousa.....	LVIII
• Fábrica António Augusto.....	LX
• Fábrica José Correia Gonçalves Andrade.....	LXVII
• Corticeira Gago, Lda.....	LXXII
• Fábrica António Custódio da Conceição e Filhos, Lda.....	LXXIX
• Fábrica Louro e Afonso, Lda.....	LXXXIV
• Fábrica Jacinto e Sousa.....	XCI
• Fábrica João Viegas Louro Júnior.....	XCVIII
• Fábrica Nova Cortiça.....	CII
• Fábrica Francisco Carrusca.....	CVII

Anexo 1.1 (Inventários Património Industrial Móvel)

- Fábrica Horácio da Conceição Neves, Lda.....III-VI
- Fábrica Costa Cork.....X
- Fábrica Manuel Loureço Caiado.....XIV-XXI
- Fábrica José Vargues..... XXIV
- Fábrica Sebastião Carolino.....XXVIII-XXXIII
- Fábrica José de Jesus Galego & Jesus Aleix e Sousa, Lda.....XXXVI-XXXIX
- Fábrica Vergílio Dias Gonçalves.....XLII
- Fábrica Francisco Martins Carvalho..... XLVI-XLIX
- Fábrica Rafael de Brito Galego.....LII
- Fábrica Manuel Francisco Andrade.....LVI
- Fábrica António Augusto..... LXIII-LXVI
- Fábrica José Correia Gonçalves Andrade..... LXX
- Corticeira Gago, Lda.....LXXV-LXXVIII
- Fábrica António Custódio da Conceição e Filhos, Lda.....LXXXII
- Fábrica Louro e Afonso, Lda.....LXXXVII-XC
- Fábrica Jacinto e Sousa.....XCIV-XCVII
- Fábrica João Viegas Louro Júnior.....C
- Fábrica Nova Cortiça.....CV
- Fábrica Francisco Carrusca.....CX

Anexo 2 (Imagens)

• Fábrica Horácio da Conceição Neves, Lda.....	CXII
• Fábrica Costa Cork.....	CXIII
• Fábrica Manuel Loureço Caiado.....	CXIV
• Fábrica José Vargues.....	CXV
• Fábrica Sebastião Carolino.....	CXVI
• Fábrica José de Jesus Galego & Jesus Aleix e Sousa, Lda.....	CXVII
• Fábrica Vergílio Dias Gonçalves.....	CXVIII
• Fábrica Francisco Martins Carvalho.....	CXIX
• Fábrica Rafael de Brito Galego.....	CXX
• Fábrica Manuel Francisco Andrade.....	CXXI
• Fábrica Sotero Coelho Sousa.....	CXXII
• Fábrica António Augusto.....	CXXIII
• Fábrica José Correia Gonçalves Andrade.....	CXXIV
• Corticeira Gago, Lda.....	CXXV
• Fábrica António Custódio da Conceição e Filhos, Lda.....	CXXVI
• Fábrica Louro e Afonso, Lda.....	CXXVII
• Fábrica Jacinto e Sousa.....	CXXVIII
• Fábrica João Viegas Louro Júnior.....	CXXIX
• Fábrica Nova Cortiça.....	CXXX
• Fábrica Francisco Carrusca.....	CXXXI
• Caldeira.....	CXXXII
• Rebolo.....	CXXXIII
• Faca de traçar.....	CXXXIV
• Faca de “ burro”.....	CXXXV
• Balança para pesar fardos de cortiça.....	CXXXVI
• Prensa.....	CXXXVII
• Garlopa.....	CXXXVIII
• Faca faceadeira.....	CXXXIX

Anexo 3 (Mapa e Planta)

- Mapa.....CXL
- Planta.....CXLI